

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CÂMPUS DE ARARAQUARA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS

Reitor: Prof. Dr. ARTHUR ROQUETE DE MACEDO

Vice-Reitor: Prof. Dr. ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa:
Prof. Dr. JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

Diretor: Prof. Dr. TELMO CORREIA ARRAIS

Vice-Diretora: Prof^a. Dr^a. ALDA JUNQUEIRA MARIN

Conselho de Curso do Programa de Pós-Graduação em Sociologia:

Prof.^a Dr.^a VERA LÚCIA SILVEIRA BOTTA FERRANTE
(coordenadora)

Prof. Dr. ANTONIO PEDRO
(vice-coordenador)

Prof^a. Dr^a. DULCE C. A. WHITAKER

Prof.^a Dr.^a MARIA TEREZA M. KERBAUY
EDSON LUIZ NARS
(representante discente)

Composição: Ivan Renato Albino - Área de Extensão

Arte da Capa: Enio Longo

Confecção da Capa: MINDEN - São Paulo

Impressão: Seção Gráfica (FCL) CAr.

0313044584



As vozes aqui presentes são de trabalhadores rurais, sindicalista, operária, dona-de-casa, enfermeira, sitiante, gente imigrante, gente migrante, gente pioneira em muitas frentes de batalhas. A todos eles, dedicamos este trabalho.

Agradecimentos

À coordenação do Curso de Pós-Graduação em Sociologia da F.C.L. e ao CNPq, pelo apoio recebido. Aos homens e mulheres entrevistados, pelo carinho com que nos receberam.

Índice

Apresentação.....	01	
Introdução.....	05	
Pesquisa: ensinando a arte da garimpagem.	07	
<i>Maria Ap. Moraes Silva.</i>		
Cap I - Estudos de Memória		
Dona Amélia.....	31	
<i>Luciane dos Santos</i>		
Dona Maria Luíza.....	55	
<i>Maria Amália de A. Cunha.</i>		
Cap II - Relatos Oraís		
Sr. Antonio.....	83	
<i>Luciana F. Vidal</i>		
Dona Maria.....	99	
<i>Viviani Candeloro</i>		
Cap III - Experiências de pesquisa com mulheres trabalhadoras rurais: notas de um diário de campo.....		111
<i>Elizabete David</i>		
<i>Grasiela Lima</i>		
Anexos		
Diários de Campo.....	147	

APRESENTAÇÃO

É com enorme alegria que apresentamos a publicação "Cadernos de Campo", fruto de trabalhos desenvolvidos por alunos do Curso de Ciências Sociais, no interior da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II em 1994, e de alunos que participaram de uma pesquisa com mulheres trabalhadoras rurais, financiada pela Fundação Carlos Chagas em 1989.

Esta publicação representa um esforço duplo: no sentido de reconhecer e incentivar os alunos no difícil caminho da pesquisa e o de mostrar-lhes, através de uma experiência de campo, que a investigação é uma verdadeira arte de garimpagem. Arte que se apreende através de ensinamentos e da própria ação.

Em se tratando de uma publicação que reúne trabalhos de alunos de graduação, estamos contribuindo para que este nível de ensino se transforme num celeiro para futuros mestrados e doutorados, na medida em que o exercício da pesquisa passa a fazer parte do conjunto dos trabalhos desenvolvidos.

Talvez, o objetivo maior seja o de revelar as aventuras de ensinar e de orientar. Como em toda aventura, os riscos são muitos. Mas, os aventureiros sabem disso.

Se estes trabalhos puderem contribuir de alguma forma, para a formação de novos pesquisadores, estaremos seguros quanto às nossas intenções, esperanças e esforços.

Prof.^ª. Dr.^ª. Maria Ap. Moraes e Silva

Araraquara, dezembro de 1994.

INTRODUÇÃO

Pesquisa: ensinando a arte de garimpagem.

Maria A. Moraes Silva

" A arte do ensino é, em considerável parte, a arte de pensar em voz alta, mas inteligivelmente....; na sala de aula, o professor deve tentar mostrar aos alunos como pensa um homem e ao mesmo tempo, revelar o belo sentimento que experimenta quando pensa bem."

Wright Mills

Durante o ano letivo de 1994, incumbi-me da disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II do Curso de Ciências Sociais.

A proposta de curso apresentada aos alunos, no início do ano, incluía três grandes tópicos: A) Os métodos dos clássicos (Weber e a objetividade em ciências sociais, Durkheim e o método funcionalista, o método dialético dos marxistas e a crítica ao althusserianismo). B) Novas trilhas da pesquisa (a crítica ao cartesianismo, a teoria crítica e a psicanálise, o particular, o singular e o universal, a imaginação sociológica). C) Instrumentos de pesquisa (histórias de vida, estudos de memórias, pesquisa quantitativa e qualitativa).

A preocupação central do programa era proporcionar aos alunos conhecimentos teóricos acerca dos métodos em Ciências Sociais e, se possível, práticos.

Partindo das premissas de que os métodos são os procedimentos utilizados na tentativa de se compreender uma dada realidade social, e que é impossível a objetividade em Ciências Sociais, as discussões foram orientadas no sentido de proporcionar aos alunos o conhecimento dos diferentes métodos e técnicas de pesquisa.

Este conhecimento teórico foi, aos poucos, suscitando um interesse prático, empírico de pesquisa.

Na realidade, à medida que as discussões avançavam, a sala de aula foi-se tornando pequena para o número de questões que se colocavam aos alunos.

Duas leituras foram essenciais para que "a ansiedade de ir a campo" aumentasse, e o prazer da pesquisa fosse vivenciado como preparo para uma festa. Trata-se das obras clássicas de Wright Mills, *A Imaginação Sociológica*, e de Ecléa Bosí, *Lembranças de Velhos*.

A primeira delas, apesar de ter sido escrita nos finais da década de 50, constitui-se como uma obra fundamental para todos aqueles que se debruçam sobre as questões relativas à pesquisa e ao

ensino de Ciências Sociais nos dias de hoje. Já naquela época, Wright Mills tecia uma crítica contundente aos métodos de pesquisa utilizados, à burocracia da Universidade, ao despreparo dos professores e à necessidade de acabar com limites entre as diferentes áreas do conhecimento.

Contrariando as tendências da grande teoria (auto-explicativa), do empirismo abstrato, do praticalismo, Mills enfatiza a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino, localizando-se dentro de seu período. E mais. Nenhum estudo social que não volte ao problema da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade, pode-se considerar completo. "A Imaginação Sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade" (Mills:12)

Em outros termos, a questão que subjaz à imaginação sociológica é a da relação necessária entre sujeito e estrutura para a compreensão da realidade social.

A obra de Ecléa Bosi despertou nos alunos não só um grande interesse pela utilização dos instrumentos qualitativos, a história de vida, a história oral, o uso do gravador, entrevistas, como também pelos estudos de memória.

As descobertas do eu, da individualidade, de vozes do passado, de homens e mulheres que nunca fizeram parte da história oficial, da história dos vencedores, permitiram uma espécie de mergulho na realidade que os cercava.

De repente, todo o conhecimento acumulado em outras disciplinas durante os quatro anos de curso - acerca da realidade teórica e histórica do capitalismo mundial e nacional- foi defrontado com histórias de pessoas simples, anônimas que viveram e trabalharam num período histórico vivenciado, em parte, por eles.

As discussões weberianas sobre a impossibilidade da objetividade em Ciências Sociais permitiu-lhes, sem sombras de dúvidas, compreender a relação necessária entre indivíduo e história, não acima dos homens, mas feita por eles.

Lembranças de velhos que fizeram a história de SãoPaulo, que viveram e que agora, através do trabalho da memória contavam seus cotidianos, trabalhos, lutas, esperanças, desesperanças, fé, foram imprimindo-lhes marcas nas formas de pensar e conceber uma pesquisa em Ciências Sociais.

Muitas vezes, eu deparava com observações tais como: "nunca pensei que se pudesse fazer uma pesquisa como essa, e que isto tivesse importância", (referência aos estudos de memória).

Evidentemente, esta colocação inseria-se num alargamento do horizonte do entendimento de uma pesquisa, de seu significado e, mais, particularmente, do que seja um problema de pesquisa.

Muito tempo foi dispendido nas discussões acerca da definição de um problema de pesquisa. Neste ponto, a postura (prática) do pesquisador foi bastante debatida.

Após haver estudado as posturas de diferentes pesquisadores (M. Isaura P. Queiroz, Roberto da Matta e outros indicados na bibliografia do curso), tentou-se transpor estas experiências para os próprios alunos, sem contar que a minha própria experiência era transmitida incessantemente.

Foi exatamente este momento de transposição, de mudança de posição, o mais interessante do curso. De receptores de informações, os alunos passaram a desempenhar o papel inverso. Para isso, o espaço da sala de aula transformou-se. Saíram a campo, munidos dos ensinamentos recebidos e voltavam à sala de aula não apenas com soluções, mas, na maioria das vezes, com problemas.

É preciso deixar bem claro que, esta experiência não se tratou de um projeto de pesquisa elaborado onde os alunos desempenhariam as tarefas de aplicadores de questionários ou entrevistadores para a pesquisa de um dado professor, ou inserir-se-

iam como membros de uma pesquisa coletiva, mas de uma experiência fundamentada nas discussões teóricas de estudos de memória, história de vida e relatos orais. Ou seja, o objetivo era experimentar em campo, após uma escolha baseada no conhecimento pessoal e afetivo dos entrevistados, a prática de uma pesquisa.

Estabeleceram-se, após esta tomada de decisão em classe, algumas medidas:

1º) critério para a escolha dos entrevistados. Alguns alunos optaram de imediato, por pessoas conhecidas, parentes ou não. Outras resolveram buscar os entrevistados, visitando, por várias vezes, um asilo de idosos em Araraquara. Outros, preocupados já com a elaboração de um projeto de pesquisa para inscrição num curso de pós-graduação, entrevistaram uma intelectual feminista em São Paulo e antigas operárias de uma empresa em Araraquara.

2º) necessidade de organizar um diário de campo;

3º) discussão sistemática, em sala de aula, de todos os problemas enfrentados em campo. Não só problemas objetivos como também subjetivos. Angústia, insegurança, timidez, alegrias, frustrações foram alguns dos sentimentos vivenciados antes, durante e depois da realização das entrevistas.

Esta nova realidade impôs-me, enquanto professora, um outro papel, a de orientadora. Além do mais, os ensinamentos ministrados até então, foram retomados e discutidos à luz das diferentes vivências dos alunos. Foi cada vez mais sendo entendido que a pesquisa é uma eterna busca, uma verdadeira arte de garimpagem. Há momentos em que se acham grandes tesouros, há outros em que nada se encontra. Portanto, não há modelos fixos e rígidos. Há orientações. Muito dependerá do pesquisador e de sua relação com o pesquisado. Esta relação é própria, é de cada um. No entanto, ela poderá ser definida pela experiência de outros pesquisadores. Quanto a este aspecto, sempre lembrei aos alunos, o artigo de Roberto da Matta, O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". Rerefundo-se à sua pesquisa com os Apinayé, o autor cita no final de seu texto, uma situação aparentemente insólita que lhe ocorreu, quando, após um tempo de permanência juntos a estes nativos, Pengi, uma criança, entrou em sua casa com uma cabacinha presa a uma lenha de tucum e lhe entregou. À primeira vista, o antropólogo acreditou tratar-se de uma dádiva (troca). Em seguida, tomou contato de seu erro, quando Pengi disse-lhe. Esse é para o teu ikrá (filho), para ele brincar (Da Matta:33).

Comentando este acontecimento, o autor salienta a relação pesquisador/pesquisado.

"...este é o lado mais humano da nossa rotina. E é o que realmente permite escrever a boa etnografia. Porque sem ele..., não se distingue um piscar de olhos de uma piscadela marota"(Da Matta:35)

Enquanto realizava uma pesquisa no vale do Jequitinhonha, com composeses, depois de caminhar por várias grotas e veredas, deparei-me com uma mulher que vivia numa casinha de adobe.

Após identificar-me, assim como meus objetivos e o porquê de estar ali, perguntei-lhe. A senhora vive sozinha? Ela respondeu-me: não. Então, fiz-lhe outra questão. Quem vive com a senhora? Deus, foi a resposta.

À primeira vista, ela seria classificada dentro de meus modelos de famílias camponesas, como uma mulher só (sem filhos, sem marido/companheiro, parentes, agregados). No entanto, minha intuição levou-me ao aprofundamento do significado de viver com Deus e não só. À medida em que ela contava sua história, toda uma vida de discriminação e violência foi sendo revelada. Inclusive, por grande parte de sua vida, ocupou a posição de empregada na casa de um homem casado que a transformou na sua segunda mulher, tendo com ela vários filhos, numa situação de bigamia, sem contudo, reconhecê-la na mesma posição de sua legítima mulher. À morte do

marido (assim chamado por ela), à migração dos filhos, seguiu-se seu isolamento social. A presença de Deus na Casa era interpretada como real, palpável. Era somente Ele que lhe fazia companhia.

Este fato, permitiu-me saber da existência da bigamia em muitas outras situações. Em tempos atrás, fazia parte do costume de muitos habitantes, geralmente fazendeiros desta região, esta prática.

A importância às pequenas coisas, frases, gestos é imprescindível numa pesquisa. São estes elementos que precisam compor a formação "interior" dos jovens pesquisadores, além dos conhecimentos teóricos. Despertar a emoção, além do conhecimento racional, é um traço essencial para o pesquisador. É a perda da onipotência, omitida muitas vezes, e transmitida por intelectuais, que faz com que nos pequenos sítios, possam ser encontrados grandes veios auríferos. *"É a admissão. de que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia"* (Da Matta: 35)

No que tange à pesquisa aludida acima, foi esta mulher, analfabeta, isolada, paupérrima, que me revelou a existência da bigamia e da intensa discriminação da mulher no Vale do Jequitinhonha.

Estas experiências foram se somando àquelas vivenciadas pelos alunos. Alguns deles retornaram várias vezes aos entrevistados, em busca de maiores informações. De uma certa forma, estabeleceu-se um laço de confiança entre pesquisador e pesquisados. Alguns discorreram muito sobre suas vidas. Outros falaram genericamente ou omitiram informações por medo de falar.

O cotejo das entrevistas nos permitiu visualizar, em alguns casos, fragmentos de memória e, em outros, muitos pontos deixados em silêncio.

O silêncio não foi interpretado como esquecimento. Utilizando autores consagrados acerca deste tema, como Ecléa Bosi, Bergson, Halbwachs, Pollak, foi possível chegar a algumas conclusões.

Não faz parte do escopo desta Introdução, uma análise exaustiva do conteúdo das entrevistas realizadas, mesmo porque, a preocupação subjacente aos propósitos definidos era, como já foi dito em linhas atrás, a experiência de campo com histórias de vida e relatos pessoais, orais sobre alguns aspectos da vida dos indivíduos, a partir de um pré-conhecimento pessoal.

Por outro lado, as situações vivenciadas em campo também não serão relatadas, uma vez que as mesmas constam dos anexos desta coletânea, Diários de Campo.

Do conjunto das entrevistas realizadas, dois agrupamentos são possíveis.

O primeiro deles refere-se às histórias de vidas de uma das primeiras operárias da Indústria de meias Lupo em Araraquara, imigrante argentina, e outra descendente de imigrantes italianos que vivenciou o apogeu e declínio do café em São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

A entrevista com D.Amélia, ex-operária da Lupo é, sem dúvida a mais completa. Com 86 anos de idade, o grande sonho de D.Amélia era o de contar sua história. Apesar dos problemas de saúde, ela própria havia começado a escrever sua biografia. A presença da entrevistadora facilitou-lhe esta tarefa.

Nota-se na entrevista que seu relato constitui-se num verdadeiro trabalho, o de lembrar. Lembra os mínimos detalhes de todas as situações. Acompanhando suas lembranças, é possível inteirar-se dos significados de memória coletiva e dos quadros sociais da memória.

Sua história é uma história vivida e não escrita. Ela constroem um quadro vivo e natural em que o pensamento pode se apoiar para conservar e reencontrar a imagem de seu passado (Habwachs: 70)

Suas lembranças reconstroem o passado com a ajuda de dados emprestados do presente. Não somente casas, ruas, animais, natureza, pessoas são vivificados e reconstruídos pela memória, como também seus sentimentos interiores: a dor pela morte da mãe, a pena sentida em relação ao pai viúvo e empobrecido, o medo quando viu, pela primeira vez, uma pessoa negra e assim por diante. Acha bonita a lembrança. Lembrar é bonito.

Espaço e tempo são reconstruídos em sua memória a partir de uma espécie de aderência.

"Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, os homens poderiam destruir sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são esabelecidas entre as pedras e os homens" (Halbwachs: 136).

O gosto de lembrar, a revificação da própria vida também aparecem no relato de Dona Maria Luíza, com 78 anos de idade.

No entanto, a situação registrada no caderno de Campo da pesquisadora, revela o que Pollak chama de memória subterrânea e gestão do indizível.

Dona Maira Luiza compreende que o ato de lembrar não é individual, mas social.

"(...) Eu gosto de lembrar, não acho nada ruim do que passou, por que se a gente lembrasse só para a gente, mas é pra todos, né?"

Omite fatos importantes de sua vida, importantes para ela, mas não para os outros que a cercam. Silencia tais fatos mas não os esquece.

Segundo Pollak, neste caso, diferentemente de Halbwachs, a memória coletiva funciona como opressora e destruidora.

Sem embargo, a memória individual de Dona Maria Luiza é uma espécie de memória subterrânea *"que prossegue seu trabalho de subversão no silêncio, e de maneira quase imperceptível, aflora em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados"* (Pollak, a: 4)

Foi exatamente esta memória subterrânea, proibida, que aflorou em conversas reservadas, ou a pedidos do desligamento do gravador, com a entrevistadora.

A convivência "pacífica" com as pessoas que a cercam é assegurada pelo silêncio imposto, pela gestão do indizível, e isto revela que o trabalho da memória é indissociável ao da organização social da vida.

Em sua pesquisa com sobreviventes dos campos de concentração nazista durante a 2ª Guerra Mundial, Pollak ao entrevistar Ruth, percebe que sua sobrevivência na Alemanha pós-guerra deveu-se à gestão do indizível, do não dito. Ou seja, foi justamente o silêncio guardado e não esquecido que lhe possibilitou reconstruir sua vida.

"Un passé qui reste muet est peut être moins le produit de l'oubli que d'une gestion de la mémoire selon les possibilités de communication à tel ou tel moment de la vie"
(Pollak, b: 51).

Esta mesma situação de gestão do indizível, de memória proibida manifestou-se nos relatos do Sr. Antônio e Dona Maria.

Sr. Antônio, ex-sindicalista, fundador do Sindicato de Trabalhadores Rurais na região oeste do Estado de S.Paulo, foi um homem que enfrentou muitas lutas em sua trajetória. Sofreu perseguições militares, fugiu para não ser preso durante a ditadura militar, mas tem medo de falar. Sua memória, por estas questões

políticas, é também controlada, reprimida. Seu relato é fragmentado, genérico. Impôs à pesquisadora esta situação. Homem valente no passado, transforma-se no presente, vigiado e amedrontado pelas próprias lembranças. Esta é a forma pela qual sua sobrevivência é garantida.

Dona Maria é o exemplo de uma mulher pioneira no tocante à independência econômica, ao trabalho fora de casa, à realização profissional.

Ainda muito cedo, nos finais da década de 30, saiu da casa dos pais para trabalhar fora. Apesar deste enfrentamento precoce, é uma mulher que não conseguiu vencer as barreiras impostas pela organização social de gênero. Apaixonada por um primo, impedida de se casar, opta pelo afastamento e pela guarda de um amor frustrado por toda a vida. A independência financeira e o trabalho não conseguiram transpor estas barreiras.

Seu relato é, igualmente, permeado por muitos silêncios. Não quis falar, apesar dos pedidos da pesquisadora.

O que foi dito atrás acerca da gestão do indizível e do silêncio aplica-se a ela. Este mal do passado constitui-se-lhe numa espécie de traumatismo. Obriga-se a "pular" trechos de sua vida, a virar páginas vazias que não puderam ser escritas, que se amarelam

com o passar do tempo, mas que permanecem vivas em suas lembranças não verbalizadas, em um silêncio guardado, escondido dentro de si.

Estas vozes que nos vêm do passado e que nunca fizeram parte da historiografia oficial são vozes de pessoas que viveram e trabalharam (Bosi). Para finalizar, cabe ainda, dizer que não é o simples relato que possibilita a libertação das pessoas. É preciso não se esquecer das diferenças entre memória e história (Halbwachs), entre memória individual e coletiva (Halbwachs) ou memória enquadrada (Pollak). Outrossim, o simples relato captado pelo pesquisador não elimina as relações de poder, quer sejam de classe, gênero ou etnia, prevaletentes numa certa sociedade.

O que interessa à história, não são apenas os fatos passados, mas a forma como a memória é construída e reconstruída como parte da consciência contemporânea.

A idéia de memória não pode ser concebida enquanto passado congelado, mas na sua relação com o presente.

Não é a explicitação das vozes reprimidas "tout court" que "*dá de volta ao povo a história em suas próprias palavras*" (Thompson: 136). Não é isto, tão somente que lhe possibilita a ascensão social ou a retomada do controle de sua história. Neste

ponto, é preciso cautela quanto à crítica à P.Thompson desenvolvida por G.A.Debert. Segundo esta autora, apesar da história oral ser um método democrático porque provê um ponto de vista alternativo, o ponto de vista dos dominados e desprivilegiados e porque coloca claramente o caráter ideológico da documentação tida como oficial, por outro lado, colocar os relatos populares como um ponto de vista alternativo é subestimar as relações de poder nas quais estas camadas estão inscritas (Debert: 151-152). No entanto, Thompson em várias passagens de sua obra, chama atenção para a ação que deverá fazer parte da história oral.

Textualmente, sobre esta questão, ele afirma. *"E para o historiador que deseja trabalhar e escrever como socialista, a tarefa não deve ser simplesmente louvar a classe operária, mas sim elevar sua consciência. Não se trata de substituir um mito conservador da sabedoria da classe superior por um mito da classe inferior. O que se quer é uma história que leve à ação; não para confirmar, mas para mudar o mundo"* (Thompson: 43).

Não se trata, portanto de subestimar ou superestimar os relatos orais e histórias de vida. É necessário um equacionamento entre as diferentes fontes de uma pesquisa, onde os relatos orais podem fornecer os instrumentos necessários para a reconstrução do

passado, enquanto relação entre passado e presente, por aqueles que não tiveram voz. Neste equacionamento, é imprescindível a consideração de que as memórias individuais fazem parte de memórias coletivas ou enquadradas e, por conseguinte, os indivíduos são inseridos em organizações sociais, de classe, gênero e etnia. Estas organizações inscrevem-se em seus corpos, definem seus habitus e compõem suas identidades. Não se trata, porém de estabelecer uma oposição entre história oral e história escrita. É necessário ultrapassar este debate e verificar a continuidade potencial entre uma e outra (Pollak, c: 207 e ss).

Da mesma forma, não se trata de opor a objetividade, pretensamente, existente na história escrita e a subjetividade da história oral. Respondendo à esta questão, ao participar de um debate sobre história oral, Pollak afirma: "*Aliás, acredito que as discussões intelectuais fazem grande uso- das oposições binárias- subjetivo/objetivo, racional, irracional, científico/religioso - só servem para fins de acusação ou de auto legitimação*" (Pollak, c: 211).

Finalmente, o capítulo III constitui-se num trabalho de reflexão sobre a experiência de trabalhar com a técnica de histórias de vida com trabalhadores rurais.

Este texto, na verdade, é uma versão revisitada pelas alunas, após alguns anos da realização deste trabalho. A primeira versão foi apresentada no Encontro do CERU, sob a forma de comunicação em 1990. Na verdade, é mais uma reflexão sobre os bastidores da entrevista. É o momento crucial da pesquisa de campo, onde a criatividade e a imaginação do pesquisador são freqüentemente postos à prova. É o momento onde ação, prática, conhecimento, objetivo, subjetivo entram em relação. Nada é separado. Tudo articula-se, tudo igualiza-se, tudo diferencia-se. Tudo reconstrói-se e se redefine.

É o conjunto de toda esta experiência vivida por alunos, por mim e pelo diálogo com os autores citados e outros que contribuíram para a produção deste trabalho. Todo o saber e a prática acumulados, através de um tempo passado e criados num tempo presente, que geraram a pesquisa, enquanto arte da garimpagem.

Tal como o professor, na citação em epígrafe, precisa enquanto artista, revelar o belo sentimento experimentado quando se pensa bem, também o pesquisador, enquanto, igualmente, artista, precisa deixar brotar e expandir dentro de si os conhecimentos, a emoção, o amor ao seu trabalho, e, sobretudo, a identificação com

seu produto. É nisto que consiste a arte. Cada vez mais, a partir destes primeiros passos, a presença do orientador vai ficando à distância, e a obra vai possuindo, progressivamente, a marca de seu criador.

Referências bibliográficas.

- Costa, E. Lembranças de velhos. T. A. Queiroz Editor, Editora da Universidade de São Paulo, 2ª edição, São Paulo, 1987.
- Costa, R. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: Nunes, E. de O. (org) A aventura sociológica. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1978, p. 23-35.
- Costa, G. G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: Cardoso, R. (org) A aventura antropológica. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1986, p. 141-156.
- Costa, W. A imaginação sociológica. Zahar Editores, 6ª edição, Rio de Janeiro, 1982.
- Costa, M. (a). Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos históricos, vol. 2. nº 3-15, 1989.
- Costa, M. (b). La gestion de l'indicible. In: Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 62-63, 1986.
- Costa, M. (c). Memória e identidade social. In: Estudos históricos, vol. 2, nº3: 3-15, 1989.
- Thompson, P. A voz do passado. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

CAPÍTULO I

DONA AMÉLIA

Este é o princípio da minha vida. Contarei tudo que me lembro até os meus onze anos.

Eu estava na maior ilusão da minha vida de criança. Gostava de estudar, depois de brincar de corda, correr, e de casinha com boneca. Era cheia de vida. Eu era gêmea com a minha irmã Ariolinda. Ela era mais acomodada. Tinha sempre um ar tristonho. Era mais fraquinha, sempre gostava de brincar de boneca, fazia roupinhas. Aí complicou os rins e morreu de nefrite aos sete anos, em dezembro de 1915, donde a minha querida mãe já tinha seis filhos. Depois nasceu mais uma irmã, Álida. Em 17 nasceu a Rosária. Morreu de uma queda dos braços da parteira. E morreu a minha irmãzinha Álida, morreu de nefrite, aos dois anos. Assim ficamos em cinco.

Em 1918, a minha mãe teve uma gripe muito forte. De um banho de água fria deu uma complicação e ficou doente até sofrer dos pulmão, donde ela faleceu em 31 de outubro de 1920. Daí em diante, tomei a responsabilidade da casa porque ela sempre me dizia:

"Amélia, você é a maior. Deve aprender remendar uma roupa, aprender fazer as coisas da casa porque assim, um dia, se eu faltar, você tem que tomar conta dos seus quatro irmãozinhos e de teu pai".

Mas tudo isso me deixava meio pensativa e depois logo esquecia porque tinha duas empregadas: uma para cuidar de minha mãe querida, que dormia junto com ela como enfermeira. Dormia separada de nós e de meu pai; dormíamos todos separados. E toda roupa, talheres, pratos, enfim, tudo mais. Mesmo assim, minha inocência era tanta que não pensava que minha amada estava próximo a deixar.

O meu pai estava muito bem de finanças: tinha um bar, três mesas de bilhar, tinha um depósito de cereais, tinha diversas qualidades de cereais, alfafa e carvão. Tinha três empregados e corria as coisas muito bem. Mas com a doença de minha santa mãe, a vida começou a mudar daí em diante. Mas eu sabia que meu pai tinha interesse de vir para o Brasil, porque os seus pais se encontravam também aqui no Brasil. Sempre escreviam: "Venham para a América junto a nós". Mas a mamãe não queria vir ao Brasil.

O meu pai ia deixando, quando a mamãe se sentia mal, o papai mandava nós todos, cinco filhos, para a casa de um parente,

Perfeito, diretor do grupo para que nós não percebêssemos a morte da nossa mãe. E passamos o dia todo junto aos parentes. Quando foi à tarde, eu tinha uma tristeza e peguei os meus irmãozinhos e para desviar, atravessei um largo donde tinha um circo. Apreciamos o movimento. De repente apareceu um espanhol. Era cinco da tarde e morava pégado na minha casa. E me disse: "Que estás fazendo aqui?" Eu respondi: "Estou distraindo os meus irmãozinhos". Ele me respondeu: "Você não sabe que tua mãe se morreu às três da tarde?"

Fiquei parada...com um choque que parecia um sonho. Não queria que meus irmãozinhos percebessem que o espanhol me disse. Minha irmã Angélica percebeu e eu disse: "Vamos para casa da prima". E logo chamei minha prima que se chamava Clarinda e seu marido chamava-se Perfeito e era diretor do grupo, e ela era professora. Logo viu que eu estava chorando mas não dava demonstração aos meus irmãozinhos. Mas eles me acalmaram e me disseram: "Era mentira!".

Assim, mais tarde me chamaram e me contaram a verdade. Assim, à noite os meus irmãozinhos e Angélica estava desconfiada demais, mas eu lhe disse: "Vamos dormir, amanhã vamos para casa". Assim que eles dormiram, o meu primo me levou para casa e no caminho, me lembro, ele me disse: "Você tenha coragem porque

você é a mais velha e precisa tomar conta dos teus irmãozinhos". Eu estava vestida com um vestido azul marinho de fustão, enfeitado de botãozinho laranja no peito e atrás também, e no caminho eu fui arrancando os botões e jogando para fora porque quando cheguei em casa eu estava de vestido escuro.

Quando chegamos em minha casa tinha um portão grande, logo vi cheio de gente, inclusive todos os meus tios, tias, irmãos de minha amada mamãe e muita gente vizinha. Entrei direto. A minha santa mãe estava descansando dentro de um caixão todo de preto, inclusive a sala toda, parede coberta de panos pretos, as cadeiras...enfim, parecia um sonho. Mas era verdade. Cheguei no quarto, tinha todos os meus tios chorando, inclusive meu pai. Se agarraram comigo e nesse instante senti que minha vida se transformou e logo pensei e me alembrei das palavras de minha santa mãe que me disse: "Você é a filha mais velha. Se um dia eu faltar, você tem de tomar conta de teus irmãozinhos e do teu pai." E disse nesse instante, dentro de mim: "me senti adulta".

Tomei a responsabilidade e no segundo dia, 1º de novembro de 1920, meu primo foi buscar os meus irmãozinhos na casa: Angélica, Aída, Alfredo e Anita. Todos abaixo de mim. Todos com a carinha assustada, chorando. Quando chegou meio dia beijamos a

mamãe, demos um beijo de despedida. Levaram o caixão para embalsamar. Às três da tarde voltou, só que já estava fechado com o vidro. Às cinco da tarde foi levada ao cemitério.

Veio eu e meu pai, minhas tias, tia Petrona, tio Basílio, que já morreu também. Fomos de carroça atrás do carro fúnebre que levava a minha mãe. Foi um grande acompanhamento. Aquele tempo se usava carruagem levada por cavalos pretos. A carruagem que levava a minha mãe. Tinha oito cavalos pretos todos com penachos de pluma na cabeça. O cocheiro ia com o chicote em cima da carruagem. O caixão de vidro e franja de seda, de veludo, ia em cima o nome da mamãe: A.R.A.T. Todos esses dourado. E nós atrás com todos os cortejos, levado por quatro cavalos, fomos até o cemitério. Puseram um vidro todo lacrado donde se via só o caixão. Assim, despedimos e nunca mais...nunca mais fui lá. Ali vi a tristeza do meu pai, que contava com 33 anos e cinco filhos. A minha adorada mamãe com 32, mãe de oito filhos.

Depois soube que o meu pai fez juramento, junto às mãos de tia Petrona, irmã da mamãe. Fez jurar que se um dia o papai pretendesse vir para o Brasil - porque tinha medo que um dia papai podia se casar e tinha medo que seus filhos sofressem - o papai jurou e disse que deixaria os cinco filhos com a minha tia. Mas eu fiquei

sabendo depois de muitos anos, nos encontrávamos aqui no Brasil. Quando saímos de Rodeo de La Cruz, donde nós morávamos, em começo de março de 1921, papai vendeu todos os móveis de casa. Deixou muitas coisas à governanta Salvadora que queria vir com nós e foi enfermeira da minha santa mãe. Depois de cinco meses, papai queria trazê-la para o Brasil, mas era viúva, tinha uma filha e seus irmãos não deixaram vir com nós.

Eu analisava a pressa que meu pai tinha. Vendia as coisas de casa e o restante, enfim, tudo em pouco tempo, jogou tudo fora. Mas estranhava que ninguém de meus tios, parentes de minha mãe, não apareciam, não vinham em casa. Eu então não entendi que o papai estava vendendo tudo para vir para o Brasil, e eu perguntava, muito inocente, por que tias e tios não vinham a nos visitar? Moravam uns 150 quilômetros longe de San Martin. O papai, como sabia do juramento que tinha feito à minha tia, não contava nada. Só dizia: "As tua tias não querem saber de vocês!" E nisso ele aprontou tudo, jogou fora tudo, seus negócios, não avisou ninguém e saiu de fininho.

Pegamos o trem que levou, aquele tempo, três dias e quatro noites de viagem porque era máquina de lenha. Nesse tempo, saía uma vez por mês, era puxado por três máquinas e muitos carros. E

chegamos em Buenos Aires. Uns tios e primos nos foram esperar na estação. Era primo do meu pai. E fomos todos para sua casa e tinha primos moços. Ficamos dez dias em Buenos Aires. Papai muito abatido nos levava para passear, conhecer Buenos Aires e saímos com os primos para nos distrair. Tinham pena de nós porque meu pai era novo, com cinco filhos, todos vestidos de luto, nós procuramos não demonstrar mais a tristeza que pouco a pouco se apoderava de mim e de meu pai. Sempre lembrando das palavras da minha santa mãe, adorada, cada vez me sentia mais adulta. Assim, quando completou o primeiro dia, papai dizia: "Vou levar vocês no jardim zoológico como despedida desta cidade."

Depois fomos tirar a fotografia para o passaporte. Fomos com duas primas e o papai. Saímos diretamente para tirar as fotos e depois íamos ao zoológico. O papai ia despachar a bagagem e trocar o dinheiro brasileiro (aquele tempo não tinha quase banco). Foi quando a surpresa: ao subir no bonde, papai deu um grito e disse: "Fui roubado!" E lhe roubaram todo o dinheiro que tinha no bolso, atrás da calça. O resto...o restinho, e nada mais. Fomos tirar as fotos e o fotógrafo ficou com tanta pena do meu pai e de nós que não cobrou nem as fotos.



Éramos para vir de navio, tudo de primeira. Papai contava que era lindo vir de navio, que nós íamos conhecer os negritos no Brasil, ele animava a gente. Eu sentia medo! Gente preta! Assim precisamos vir de imigração para não pagar nada porque não tinha dinheiro. Então, três da tarde de março, de 11 de março, fomos todos tirar a radiografia do pulmão, porque perguntaram do quê a mãe tinha morrido. O papai tinha de dizer porque morreu a sua esposa. Quando passamos pelo raio X, o medo era tanto que algum dos meus irmãos tivesse alguma coisa nos pulmão! Eu chorava de

medo! Quando todos nós passamos, subindo no navio, seis da tarde, eu sempre lembrava das palavras da minha querida mãe.

Papai de vez em quando chorava de ver todos nós pequenos, sem mãe, sem casa e sem dinheiro. Vim e lembramos de tudo. Na verdade, tinha os meus nonos, tios e primos que já estavam nos esperando aqui no Brasil. Me lembro quando eles vieram para o Brasil. Eu tinha uns oito anos, minha santa mãe chorou muito quando o nono e tios partiram para o Brasil. Minha querida mamãe adorava o sogro e os cunhados. Meus nonos escreviam sempre ao meu pai para que viessem para a América, mas a mãe não queria deixar os seus pais e irmãos.

Finalmente chegamos ao Brasil dia 24 de março de 1921, chegamos numa viagem de navio que levaram oito dias. Subimos às quatro da tarde no navio, dia 17 de março de 1921, e o navio partiu às oito da noite, apitando a saída do lindo e saudosos Buenos Aires, donde todos se despediam. Saía da minha querida Argentina, donde cobria os nossos corações de tristeza, donde ia um lindo dia e as luzes de Buenos Aires e todos acenam lenços de despedida. Dali meia hora só via água e céu coberto de estrelas. E quando foi na hora da partida, ninguém tinha vontade de comer nada porque tomou conta uma tristeza de nossas lembranças.

Sáimos para sempre. Nós sentávamos todos em volta do meu pai, os cinco, sentávamos no seu joelho. Passamos o dia assim porque não gozamos de muita saúde. Não queríamos nada porque o movimento do navio nos dava enjôo. Chegava a noite, nos despedíamos, Amélia, Angélica, Aída e Anita. Íamos dormir no porão donde tinha os beliches, uma cama em cima da outra, donde subíamos por uma escada. Nós ficávamos embaixo, enquanto as consequências vinham de cima, caía água, urina de criança, piolho que pegamos, e sempre com o estômago enjoado. Passamos chupando limão.

Para melhorar, graças a Deus, encontramos uma senhora italiana que viajava muito, ela se prontificou e disse a meu pai que tomaria conta de nós, trataria de nós durante a noite. Ela tinha muita pena de nós quatro vestidas de luto. Aquilo era triste e cada vez eu me lembrava das palavras da minha santa mãe, donde me dizia: "Amélia, aprenda a fazer as coisas, que o dia que eu faltar é você que vai tomar conta de teus irmãozinhos e de teu pai." Aquilo se gravava no meu coração. Jurei por mim mesma que eu tinha que cumprir aquilo que era da minha querida mãe. O papai e o meu pequeno irmão, Alfredo, dormiam na outra ponta do navio, donde os homens dormiam separados das mulheres. Na hora de dormir era

triste. O papai e o Alfredo acompanhavam até a porta do porão que nós tínhamos que dormir. Mandava um beijo e depois se despedia daquela senhora que olhava por nós e disse: "Pode ficar sossegado que eu tomarei conta delas." Papai saía com lágrimas nos olhos e de manhã, ele e o Alfredo (que já morreu) vinham nos esperar na porta do porão porque tinha uma escada muito estreita que descia no porão de baixo.

Assim, outras mulheres e crianças éramos todas da imigração. O guarda era um calabrês, Peixoto, e conservava a porta fechada. Só à manhã, às sete e meia da manhã, que abria a porta para cada marido e irmão que vinha na porta buscar as suas mulheres e irmãs. Enfim, era uma tristeza, e papai e o Alfredo estavam esperando-nos na porta para nós todos ir tomar café e leite, mas o estômago não aceitava nada.

Durante o dia só se via água e céu. De vez em quando se via um farol no meio do mar, donde apontava mais ou menos a distância que estamos, e aparecia alguns peixes grandes, baleias, dava para distrair. Papai procurava alegrar os cinco filhos e dizia: "Vocês vão ver os negritos no Brasil, como são lindos!" Fazia tudo para nos distrair.

Uma certa madrugada, para dar mais tristeza, ouvimos um clarim tocar. Era jogado um caixão ao mar, de uma velhinha. Tinha morrido e jogaram ao mar. Era mais tristeza. Depois de cinco dias de viagem, o comandante avisou que íamos entrar no Golfo Santa Catarina, donde a água era azul marinho, não se misturava com a água mais cristalina. O golfo era muito agitado. Passaram cinco horas muito agitado, dava medo! Mesmo assim deu para passar. Todos os passageiros estavam assustados, até que enfim saímos dessa agonia!

Seguimos a viagem. Quando o estômago começou aceitar um pouco de alimento, já estávamos próximos a chegar ao Brasil.

Quando foi na madrugada do dia 24 de março de 1921, o navio vinha normalmente quando, de repente, começou a balançar de um lado para outro e se desequilibrou de uma maneira que nós víamos que ia afundar. E todos começaram, outras mulheres com crianças, ficamos todos desesperados e queríamos sair daquele porão, desesperados subíamos naquela escada, pedíamos ao guarda que abrisse a porta! E ele dizia que até que não viesse ordem do comandante não podia abrir a porta. Era só grito, porque nós todos víamos a corrida do marinheiro, até que veio ordem de abrir a porta. Só via rolar mulheres com crianças para baixo. Nós choramos,

queríamos nosso pai. Não chegava a tristeza que nos acompanhava. Todo esse tempo, até que enfim o papai e Alfredo estavam nos esperando e agarrou com nós assim como as outras famílias. Só se via correr os marinheiros por todo o lado e víamos que o navio se dava de um lado para outro e nós todos se seguramos nas grades. De repente, veio uma onda. A onda entrou dentro da cozinha, levando fora todas as panelas. Veio o comandante e gritou: "Salvem-se quem puder!" "Salvem-se quem puder!"

E começaram a jogar os botes no mar para salvar a gente. Agitada, o navio pedindo socorro, até que enfim veio dois pequenos navios e o marinheiro subiu na ponta do mastro. Atiraram umas cordas, uma de um lado e outra de outro lado do navio. O navio assim equilibrou-se, pouco a pouco, até chegarmos no Porto de Santos.

Chegamos às sete da manhã, donde vinha muita gente esperando cada um os seus familiares. De repente vimos o nono, Ângelo, o meu avô, pai do meu pai e mais um primo do papai, José. Ficamos todos contentes, mas até chegarmos em baixo era dez da manhã. Fomos todos revistados, mala e tudo assim. Abraçamos o nono, o primo, ficamos feliz, ao mesmo tempo triste.

Aí fomos para um hotel, almoçamos todos, estranhamos muito a comida, mas eu gostava era de ver as grandes caixas de banana (sou louca por banana!). Na Argentina não se vê banana pintadinha. Assim, depois o papai, o nono e o José saíram, foram dar um passeio na cidade e deixou nós quatro no hotel e disse ao dono do hotel: "Voltarei e logo ficaremos juntos no quarto". Porque aquele tempo não entendiam o castelhano, era difícil e não entendíamos o brasileiro.

De repente, espiei numa janela que dava no quintal do hotel e vi uma preta lavar roupa, um tanque cheio de roupa. Voltei, levei um susto! Ela sorriu para mim, mas como eu nunca tinha visto preto na Argentina, me apavorei e fechei a janela, tranquei tudo, botei os quatro irmãozinhos debaixo da cama, apavorada de ver o sorriso da preta, coitada!

Ficamos umas duas horas debaixo da cama, assustados até que meu pai veio e bateu na porta. Eu não tinha coragem nem de responder, quando vi que papai perguntou ao dono do hotel se tínhamos saído, eu saí de debaixo da cama, com muito cuidado e abri a porta. Ele todo assustado perguntou dos meus irmãos. Eu disse: "Estão tudo debaixo da cama". Ele via que eu tremia e me perguntou: "Que sucedeu? Que aconteceu?" Eu muito trêmula disse

que tinha visto uma negra. Eu tinha medo, eu era inocente, com 12 anos tudo me assustava. Enfim, saímos todos debaixo da cama.

Vimos para a cidade de Araras, daí fomos na casa do meu nono e nona. Fazíamos tijolo e telha, era muito bonito. Levava oito dias de fogo para cozinhar tudo aquilo que eles aprontavam durante um mês. Eu e meus irmãozinhos se sentíamos mais contente.

Às vezes, eu e meu pai ficávamos até alta hora da noite junto ao nono e tios que olhavam sempre a lenha que ardia pelo meio das telhas e dos tijolos. E nós púnhamos algumas garrafas no meio do fogo, derretia e se formava estátua. Era única coisa que me distraía. E assim se passaram quatro meses junto aos tios, nonos. Até que um dia papai resolveu ir procurar serviço de pedreiro numa fazenda chamada Santa Veridiana.

Fomos para uma colônia, donde tinha todas as casas em fileira, junto uma a outra. Só tínhamos um colchão do casal e um pouco de roupa. Estávamos na casa que tinha dois quartos, uma sala e cozinha tudo de tijolo. O chão de barro. O papai comprou um caixão e fez uma mesa, uns bancos e uma panela de ferro e umas latas de banha para cozinhar.

Ali começou a minha luta de dona de casa, sempre lembrando das palavras da minha santa mãe. Eu não sabia cozinhar.

Fazia o que podia e o que tinha em casa. Cozinhava feijão duro. Sempre chorando e teria de tratar dos meus irmãos junto do meu pai. A comida saía meio crua, queimava. O papai se debruçava na mesa e chorava. Nós também. Eu tinha que ir buscar lenha no mato junto com outras mulheres. Elas tinham pena de mim e me ajudavam a cortar a lenha, fazer os fechinhos e por na minha cabeça (eu vinha toda assim) para trazer para casa.

A noite eu fazia uma polentinha para de manhã tomar com café porque na fazenda não tinha padaria e nem pão. Assim, dava para tapear o estômago. Eu catava a roupa junto numa bacia de lata e ia lavar no rio donde tinha pedra, donde esfregava a roupa. Eu ficava com os pés na água até metade das pernas. Depois torcia, punha na bacia e punha na cabeça e trazia para casa. Estendia daquele jeito na cerca que dava no fundo do quintal. Depois ia buscar água na bica com a canga aqui no pescoço. Trazia duas latinhas de três litros de cada lado. A bica ficava uns três quarteirões distante de casa.

Perto de casa tinha uma família muito grande colonial, donde tinha um casal de velhos, tinha dois filhos casados e morava diversos netos. Todos trabalhavam na fazenda. Eles tinham muita pena de nós. Presenciaram a nossa vida, sem mãe e sem experiência

nenhuma. Então, os velhinhos e as noras matavam porco, faziam pão em casa, me chamavam na cerca e me davam sempre alguma coisa, me orientavam como temperar a comida e me davam muita força e coragem. Aquele tempo quase não se entendia o castelhano. Era um pouco difícil entender, mas agradeço a Deus de ter encontrado uma família que soube nos confortar e dar tanto carinho.

Quando meu pai chegava em casa, chorava, agradecia a todos eles. Meu pai entendia um pouco de pedreiro. Chegou a esse extremo de pegar uma colônia de casa na fazenda, Colônia Segóvia. Eu, como a responsável da casa, como tinha prometido a minha santa mãe, fazia o almoço e me esforçava. Levava a comida numa latinha de banha, o almoço ao querido papai. Me esforçava e chorando deixava os meus quatro irmãozinhos em casa.

Quando chegava a noite se acendia a lamparina, papai se sentava na escada e se punha a tocar o bandolim. Por sinal, ele tocava muito bem e os colonos se aproximavam, se sentavam no chão. Apreciavam e assim distraíamos um pouco. Todos ali em volta simpatizavam com nós todos. Tinham pena de nós. Depois eu entrava, acendia o fogo, punha a panela com água no fogo, fazia a polenta conforme eu sabia para que de manhã meus irmãos tivessem o que comer, com o leite que a vizinha nos dava. Deitávamos às oito

e meia e dormia. De manhã eu levantava, fazia o café e leite. O papai tomava com polenta e ia trabalhar. Vinha no almoço e era a mesma comida. Eu procurava contentá-los. Depois Angélica, Aída arrumavam a cozinha: pratos, panelas, sempre aquela rotina com muita tristeza. Fazia dois meses que estávamos morando na fazenda, na colônia, o papai vivia muito triste em casa de ver o meu esforço.

Tinha noite com uma lua linda. Eu peguei a minha irmãzinha (que é essa que morreu, que era a pequena), a minha caçula que tinha cinco anos, e no fundo do quintal donde tinha um tronco de uma grande mangueira que tinha sido cortada. Tinha uma larga prancha que dava para sentar. Eu e a minha irmãzinha sentamos à noite no claro da lua. Eu estendia os meus braços para o céu, junto a minha irmãzinha, olhava para a lua chorando. Eu pedia a Deus que a minha santa mãe viesse nos buscar, que estávamos cansados dessa vida, da falta de minha santa mãe, sempre lembrando das suas meigas palavras: "Amélia, aprenda fazer as coisas porque quando eu partir deste mundo você tem que tomar conta da tua família." Assim, quando me lembrava dessas palavras, ah... os conselhos que ela me dava, eu criava um pouco de coragem. Eu continuava a minha missão, sempre com uns dias melhores.

A gente trabalhava muito e dava aquilo que podia fazer. Pegamos muitos bichos no pé que dava uma tortura nos pés. A vizinha viu nosso sofrimento, desinfetava uma agulha e tirava os bichos. O que nós passamos! Depois desinfetava com criolina. Minha querida irmã Aida (que já morreu) foi a mais sacrificada dos pés de tanto bicho que ela pegou. Dava pena! Tirava tanto bicho que os dois dedos do pé estavam cheios de buraco. Quase deu tétano, mas com a graça de Deus, se passou. Era tristeza e mais tristeza.

Até que um dia, o meu pai chamou no lado e me disse: "Você quer ganhar outra mãe?" No momento fiquei parada! Assustada! E perguntei: "Se for a Mavília..." (Essa que foi minha madrasta). Ele me respondeu: "Ela mesma." Eu fiquei contente e depois de onze meses que a minha mamãe morreu, o papai foi obrigado a se casar outra vez para poder dar um conforto para mim e todos meus irmãozinhos, assim também para ele.

A Mavília era uma moça que conhecemos no sítio, perto de Araras, donde pegado moravam os meus avós, Ângelo e a nona Adélia, meus tios Guido, Pedro, Ângelo e Amélio. O tio Amélio, brasileiro, os três primeiros eram argentinos (meus tios). O nono tinha uma grande olaria.

novo! Me sentia tranquila ao ver uma mulher que nos aceitou como filhos e nos deu todo carinho.

A partir da chegada da minha querida madrasta nós se sentíamos mais seguros e mais amparados com um nova mãe, um novo carinho donde ela trouxe um grande malão de roupa de cama e roupa íntima, todas de algodãozinho, avental, enfim, de tudo que era necessário para ressucitar uma nova casa, encontrando cinco filhos, eu com doze anos e meio, Angélica com onze, Aída com dez, Alfredo com sete, Anita com cinco. E foi assim que começou uma nova casa, família. Ela nos cobria à noite, nos beijava. Nos dias de manhã, ela nos deixava dormir, ela costumava ir junto buscar lenha. Via o meu pai mais contente, mais sossegado de ver nós amparados por uma mulher que aceitou como filhos.

Assim, depois de dois meses de casado mudamos para a Fazenda Santa Veridiana, numa casa melhor, só que ficava no meio do cafezal (veja só!) e tinha outra família muito, muito trabalhadora. Uns quinze homens para explorar uma pedreira, donde da fazenda eu levava o almoço para meu pai num caldeirãozinho. Eu atravessava um pasto para entrar no caminho que tinha muita vaca, boi zebu.

Um dia, ao atravessar o pasto, vi um zebu voltando, batendo as patas e veio correndo na minha direção. Voltei correndo para sair

por baixo do arame farpado, donde me desmaiei e fiquei lá. Senti o bafo do touro nas minhas costas. Perdi o caldeirão que levava comida ao meu pai, e o café. Eu estava sozinha, desmaiei de susto! Não tinha ninguém por perto. Quando voltei em mim, voltei para casa. A Mavília ficou triste. Depois o papai mandou um homem: "por que não tinha mandado o almoço?" E contei o que tinha acontecido. Não passei mais pelo pasto, mas tinha que dar uma volta grande até chegar no serviço onde meu pai trabalhava.

Ficamos uns quatro meses na fazenda. Ali resolveu vir para Araraquara, donde a Mavília estava grávida da minha irmã Iolanda.

Fomos morar na Vila Xavier. A casa era de tijolo, sem forro. Dormia na cozinha que era grande. Um quarto de papai, privada de fossa no quintal donde morava mais de quatro famílias. Ali me empreguei numa alemã para limpar a casa (com doze anos, hein!), a casa e a cozinha. Ganhava dez mil réis por mês...dez mil réis por mês! E quando recebi, comprei um par de sapato por dez mil réis!

Vimos de Santa Veridiana, chegamos aqui, eu tinha rapado a cabeça devido um cobreiro que peguei: era de sapo, devido ter pego um pano que estava estendido na grama, eu peguei, amarrei à cabeça. Tinha cabelos compridos, preto, todos ondulados. Mas quando foi à noite, senti queimar a cabeça, arder, latejava. No

segundo dia formou uma casca, metade da cabeça, até o pescoço e formou pus. Pensava de enlouquecer. Isso aconteceu antes de nós sairmos de Santa Veridiana. Indicaram a meu pai um caboclo curandeiro na fazenda, curava cobreiro. Meu pai me levou e logo que o caboclo viu disse: "É cobreiro de sapo", e que eu fui em tempo porque senão eu ia ficar louca de tanta dor. Me deu uma água, uma erva para lavar a cabeça e uma pomada. E a minha querida Mavília, minha querida madrasta precisou cortar os meus cabelos. Quanto que chorei! Porque apertava com as mãos a cabeça e se formou uma casca dura até o pescoço (eu sei o que sofri!). Fui me tratando com aqueles remédios do caboclo e foi caindo a casca, foi melhorando, levou uns três meses. Eu andava com um lenço amarrado na cabeça que tinha vergonha. Chegamos aqui em Araraquara, todos com cara de doente e triste. Aos poucos papai começou a trabalhar e fomos endireitando a nossa vida.

Em 1921, nós morava aqui na Rua Sete. Aí nasceu a primeira filha da minha madrasta. Eu queria ter meu dinheirinho. Aí foi quando comecei a lavar roupa pra fora: cobertor, tudo. Um mil réis a dúzia...um mil réis a dúzia! Já tava cansada, com treze anos. Aí passei a me comunicar com essa amiga, Ercília, pelo quintal. Ela disse: "Amélia, você quer trabalhar? Vamos palitar cadeira, assento

de cadeira?" Então fazíamos assento, dois, três por dia para ganhar alguma coisa.

Chegou um dia, ela falou assim: "Cansou!" Aí disse: "Vamos procurar outra coisa?" Aí eu procurei, aqui na Rua Cinco, a fábrica de alfinetes. Nós fomos lá, as duas e trabalhava o dia inteiro. Fazia alfinete por quilo! Até que cansamos: "Amélia, então vamos dar outro jeito." Eu sempre com ela.

Entre 1921 e 22 fomos na fábrica de Palamone que era lá embaixo, que é onde é a Caixa Econômica agora, depois do jardim e tinha a fábrica de biscoito, de bala, de bolacha, tudo. Me empreguei eu com ela lá. Então eles faziam a bolacha champagne, com saquinho e a bolacha maizena e embrulhávamos balas a quilo. Nós íamos embrulhando e ganhando nosso dinheirinho.

Vai que nesse meio, apareceu esse negócio do Lupo. Veja quanto que nós trabalhamos! De 1921 a 24 passamos todas essas fábricas para poder ganhar alguma coisa. Até meu pai, às vezes, ficava bravo. "Quero ganhar, quero trabalhar!" Queria vestir minhas irmãzinhas e queria meu dinheiro.

Aí fomos na meia Lupo. Foi quando estorou isso aí, que é a fábrica de meia Lupo. Simples meia Lupo, começou com oito máquinas usadas, trazidas de São Paulo. Uma senhora que agora não

me lembro o nome...Matilde, parece que ela se chamava, que veio ensinar a por a agulha. Ela ganhou 50 mil réis só para instruir, aquele tempo!

Lá no fundo tinha uma casinha e tinha duas máquinas de espula onde eu batia as meadas no pau, puxava o fio, passava na espula que punha a meada na roda, aí enrolava. Depois que enrolava passava pra minha amiga Ercília, na frente, e ela passava o fio pela parafina pra ficar liso pra ir fazer a meia, senão arreventava. Aí foi quando a fábrica da meia Lupo começou subir. Esse seu Henrique Lupo comprou essas máquinas usadas! Fazia aquelas meias inteiras! A se reduzir a uma meia Lupo como hoje! É de respeitar!

Aí eu conheci toda a família Lupo, do seu Henrique: tinha o Rômulo Lupo, o Rolando, o Elvio, o Wilton, o Aldo. Cinco homens. Depois tinha a Renata, que morreu também, a Edna, Henriqueta e a Lurdes. Conheci tudo do primeiro ao último. E a dona, a patroa, tinha tanta pena de nós. Ela vinha de noite trazer o cafezinho pra nós e o filho não gostava, o segundo. Mas o seu Henrique era uma pessoa boníssima! Aquela cara sempre alegre. Andava no linho! Aonde ele encontrava os empregados pra ele era tanta coisa!

Foi aí que nós continuamos, eu com a Ercília e eu fui mais um pouco porque o meu pai me tirou. Nasceu o segundo filho da minha madrasta, em 1924. E ele disse: "Você precisa ficar em casa pra ajudar tomar contas das crianças" Ah! Chorei! Aí o filho dele, o Rolando, que já morreu, ele foi e disse: "Oh, Arthur, mas ela tá interessada. Agora também nós precisamos dela porque agora estamos começando a fábrica! Não pode parar até ensinar a outra! Então meu pai disse: "Ensina a outra, depois ela sai."

Quando chegou o último dia, eu saí da fábrica, e fiquei em casa, de ponta a ponta. Aí eu não fui mais trabalhar. Resultado: as crianças de minha madrasta começaram a crescer e eu precisava ajudar ela. Mas nunca parei de trabalhar. Gostei sempre de fazer minhas coisinhas. Fazer isso, fazer aquilo. Fazer um bordadinho a mão. Aprendi, da minha vontade, a costurar roupinha de criança.

Então tinha lá em embaixo aonde ainda existe a Casa Uirapuru, lá no fundo tinha uma fábrica de couros pra fazer sapatão e tinha o córrego de água que passava. Hoje tá tudo bonito por lá. O dono era alemão. Tinha uma casa maravilhosa e tinha três filhas e dois filhos. Muito ricos eles. Corria até no córrego sobras de couro. Hoje não tem mais nada disso. Os filhos dele eram loucos por música.

Então, a mulher dele saía lá do sobradinho lá em cima, ela me fazia assim: "Vem cá!" Que tinha eu? Quinze anos? Eu ia lá. Ela disse: "Olha, cê vai fazer essa roupinha pra esta, esta e esta. Vestidinho, eu gostava de costurar! Olha que vontade de costurar! Então eu trazia em casa, cortava os moldinhos, fazia e levava pra ela já prontinho. E umas camisinhas pros meninos. Se eu digo pra você que esse menino e essa menina são os maiores violinistas do mundo! Essa honra eu tenho! Quando eles cresceram, ficaram moços, foram nos Estados Unidos, na Alemanha, fizeram sucesso! De Araraquara! E a mãe dizia assim: "Olha, quem diria que você vestiu aquelas meninas tão bonitinhas, e hoje são um sucesso!" Esse orgulho eu tenho!

Então era coisinha que eu procurava fazer pra mim viver e porque eu gostava. Aí começou crescer a família, mas eu não deixava de fazer as minhas coisinhas. E na esquina de casa tinha uma sapataria. O homem com esse couro fazia sapatão. Tinha uma mulher, a mulher falou assim: "Você não sabe de uma costureira que põe elástico, assim, no sapatão?" "Ah! Não sei, vou tentar pra senhora". Então eu punha na máquina, quebrou uma porção de agulha porque eu não sabia. Ganhei meu dinheirinho, depois larguei.

Eu era assim. Fazia minhas coisinhas. Nesse tempo fiquei noiva e esse dinheiro me serviu. Comprei palhinha pra fazer minhas coisinhas. Fiz todo meu enxoval sozinha, com dezesseis anos. Meu pai me comprou a máquina. Fui três, quatro dias na Singer, aprendi bordar e pus naquela inteligência e bordei os lençóis, minhas camisolas, tudo sozinha. Meu enxoval fiz tudo sozinha. Aí apareceu meu marido. Conheci e logo casei. Em quanto? Seis, sete meses já fiquei noiva e fui pra casar.

Quando saí de casa meu pai achou falta de mim. Como a minha irmã caçula chorava! Porque não queria que eu fosse embora, porque não sei quê! Então casei com um homem pobre. Minha sogra e meu sogro juntos e minha cunhada solteira e se reunimos com amor e alegria. Minha sogra me adorava, meu sogro me adorava. Me quiseram sempre bem. Depois de dez, onze meses veio o primeiro filho. Minha sogra dizia: "Eu não tenho uma moça. Eu tenho uma menina em casa!" Eu era tão ingênua, mas tão ingênua que podia falar o que quisesse, eu era uma tonta. Não é que nem hoje não. Então eu vivi muito bem com ela. Meu sogro, os dois morreram nos meus braços. Ele queria as filhas, mas pedia minha presença. "Nono?" Eu chamava ele: "Nono, mas quê?" Ele falava em italiano. Foi indo, foi indo...morreu. Ele e ela, a mesma coisa.

E continuo com a minha vida. Minha cunhada era solteira, casou-se com um viúvo. Ajudei a fazer o enxovalzinho. Fiz o que eu pude também. Eu sempre acolhi a família da parte do meu marido. Ela dizia: "A casa da Amélia é a casa do ninho". Eu criei dois sobrinhos quando morreu a irmã do meu marido, uma cunhada que ficou viúva, veio da Itália e ficou comigo. O meu cunhado ficou viúvo com dois filhos e veio morar comigo. Então eu fazia comida pra toda essa gente. Entendeu? E sempre a minha casa era cheia: "Vamos na tia Amélia, vamos na tia Amélia". Então meu coração foi sempre assim.

E depois de um tempo a gente passou apertado. O dinheiro era pouco. A Rosária tava começando a costurar. Eu cheguei a dar pensão pra sete moças. Amontoei num quarto, me pus a dormir no chão com meu marido. Meu marido ficava bravo: "Você vai se sacrificar a esse ponto?" Era estudante, era tudo da escola. Dormiam e eu dei as camas melhor pra elas dormir. Porque eu também ganhava umas coisinhas. Elas gostavam da minha comida, aquela macarronada que eu fazia! Os pais eram fazendeiros. Traziam leitão e eu colocava aqueles tachos de macarronada, assim e comia tudo! Já estão casadas e até hoje elas me escrevem. Outro dia veio uma no

telefonema. Ela é de Ibitinga. Ela vem sempre aqui comprar material. Tá construindo pra casar. Tudo isso eu fiz na minha vida.

Eu falei pra minha sogra: "Eu trabalhei no Lupo, dona Emília". Ela falou: "Em que fábrica você trabalhou?" Ela fala tudo em italiano. E eu entendo italiano. E disse assim: "Eu trabalhei na fábrica de meia Lupo". "De quem, do Henrique?" Ela falou assim: "Madona!", ela falou: "Se você soubesse de uma coisa! O Henrique Lupo com a Judite vieram comigo em migração da Itália. A família Barbieri, o Delguera, o Vengrille. Todos se fizeram ricos. Só meu marido sempre fazendo aquelas coisinhas de sanfona, não arrendou, não teve aquela coisa de poder se fazer na vida como se fizeram os outros. E os Lupo se fizeram". Então, ela disse que a Judite veio pra cá, ela ficou em São Paulo. Depois minha sogra veio morar pra cá e se encontraram: amiga com amiga.

Começaram se lembrar os tempos passados quando vieram de migração. E ela chegou aqui, uma se convidava com a outra. E ela com aquele monte de criança, dona Judite. Dez, ela teve! Ia em casa comer o frango com a polenta que uma fazia. Quando era amanhã a outra se convidava. Isso dá saudade, ela falou: "oh, quem diria! Como é esse mundo!" E hoje eles se fizeram! Mas foi bonito porque foi uma coisa de relembrar a vida dela também. Então meu

marido dizia: "Tá vendo, a senhora é importante, hein! Trabalhou na fábrica de meia Lupo!" Eu era menina, 14 anos, precisava trabalhar. Minha vida foi só de trabalhar e outras coisas que já contei tudo.

Ele era tão simples, mas era uma gente tão boa, seu Henrique e a dona Judite eram dois pedaços de pão! Eu nunca vi coisa igual. Aí depois inventaram fazer esse prédio aí onde tem agora o Magazine e foi onde que o Rolando morreu. Levantou um peso e morreu.

Mais pra baixo, havia uma casinha pequena que fizeram a primeira estação de rádio de Araraquara. Veio um amigo depois e disse: "Seu filho, dona Amélia, toca também sanfoninha? Vamos levar lá pra ser a estréia". Ia ser a estréia pra aquele dia. Eu fiquei com vergonha. Falei: "Não, não". "Não, porque eu levo ele, eu levo ele!" Pus uma roupinha, calcinha curtinha, sapatinho envernizado e ele foi. Qual é minha surpresa com a minha sogra?! Pegamos nosso radinho, chorando de ver ele tocar aquelas rancheiras, aquelas coisinhas. Foi um sucesso! Não tinha telefone aquele tempo, encontravam a gente na rua: "Parabéns, seu filho daquela idade toca assim!" Aí saindo de lá, seu Romanelli levou ele pra escolher os doces que ele queria. Ele veio com uma bandeja de doces. E com o tempo ele tocou também na Rádio, quando moço, quando casado.

Meu marido também tocou. Tinha o conjunto dele. Tocou até quase antes de morrer.

Então, aí a fábrica de meia Lupo, depois dessa Estação, começou a levantar, levantar aquele prédio alto, começou a vir tudo aquelas máquinas. E foi o sucesso. Tanto que a meia Lupo tem sucesso por todo o mundo. Tem mesmo! Uma senhora daqui foi pra Estados Unidos e ela disse assim numa loja: "Eu queria ver um presente pro meu filho e pro meu marido, mas eu quero uma coisa boa". Então ele disse assim: "A senhora mora no Brasil?" Ela disse: "Moro". Então ele disse: "Olha, coisa boa tá aqui. Ele pega, vai na prateleira e tira umas caixas de meia Lupo. Disse: "Está aqui. O melhor presente, coisa fina tá aqui". Essa senhora falou assim: "Eu não falei nada que eu era de Araraquara. Comprei as meias e trouxe. Paguei caríssimo. Mas eu trouxe pro meu filho pra não deixar ele desenhado. Dizer que sou de Araraquara e que a meia eu conhecia". Olha que beleza!

Então tinha sucesso essa meia! E depois das meias foram as roupas de baixo, calcinha, essas coisas. Eu nem sei mais como é que foi. Sei que depois morreram os velhos, aquilo começou se separar.

Uma vez estive lá no Salto Grande. Tem a fotografia com todos os filhos. Começo a lembrar todas essas coisas, não é bonito? Não é bonito relembrar essas coisas?

Dona Maria Luíza

"(...) Eu gosto de lembrar. não acho nada ruim do que passou. porque se a gente lembrasse só para a gente. mas é pra todos. né?"

Meu pai chegou da Itália dia 5 de Novembro de 1888, ele veio com seis anos e aí ele foi com a família para Laranjal Paulista numa fazenda, de lá, começaram a trabalhar, trabalhar, trabalhar, até que ele guardou um dinheirinho, daí ele ficou moço, casou com a minha mãe, Dona Ângela Viesser Casari. Ela veio também com 6 anos da Itália, se conheceram na "Dona Luíza Benta", fazenda em Jumirim, e de lá, se conheceram, casaram e tiveram os filhos: Plácido, Irene, Augusta, Ernestina, Donária, Ada, Celica, Dolores e eu, que sou Maria Luíza, Filisberto, Arnaldo, Zauri, Ermelindo, Adélia e Lúcia. Uma morreu com 21 anos, um morreu com dois anos e meio, outro nasceu e morreu.

Então papai veio no navio com a família dele: Anacleto (que é o pai), Prassede (que é a mãe), Armando (que é um irmão), Quirino (outro irmão), Egra (outra irmã) e esse que não se fala dele, não chegamos a conhecer.

Quando eles chegaram da Itália, não sabiam pedir comida, choravam, queriam comer, que lá eles eram bem de vida, chegou aqui, tiveram que ser "camaradas"- empregados nas fazendas- não sabiam pedir comida, choravam. Depois que o meu avô foi adquirindo dinheiro, comprou um terreno, daí começaram a viver melhor.

Depois, meu pai quando casou, a vida dele começou melhorar, ele negociava cereais, começou a negociar café, e foi aí que ele melhorou de vida, ficou bem de vida e matou a saudade do que ele comia lá, mandava vir vinho de Portugal, vinho da Itália, maçã da Itália, pêra da Itália, de caixas... . Daí ele passou uma vida maravilhosa, comprava tudo o que vinha de lá, que ele tinha saudade, porque depois de pequeno ele nunca mais viu... . Isso tudo foi no tempo de Getúlio Vargas; que época que foi? Mas aí deu a queda no café, aí ele não estava mais bem de vida, ele tornou a negociar algodão, essas coisas, e melhorou de vida outra vez.

Nós passamos muito bem, tudo o que a gente quis, tudo o que comiam lá na Itália, nós comíamos aqui, tudo ele mandava vir de lá, aí nós passamos muito bem, depois...

Foi uma época dura, era o que ele contava pra gente, logo que ele chegou da Itália, porque eles não entendiam a língua e não

podiam pedir, e mesmo que pedissem, o patrão não dava, eles (os patrões) eram aqueles carrascos sabe, caboclo antigo mesmo, e fizeram o italiano de escravo, como os pretos. A minha família sofreu muito, toda família que vinha sofria, depois, eles eram muito trabalhadores...

Papai ajudava muito os outros, ele ajudou muito a pobreza, o preto ele ajudou muito também. Foi uma vida mais linda do mundo, mas depois veio a crise do café, veio a crise de uma coisa e outra, então, não foi mais aquela maravilha, mas assim mesmo, nunca faltou nada. Papai foi um homem importante, contanto Maria Amália, que se precisasse de alguma assinatura, nem que fosse não sei lá aonde, nem que ele não conhecesse direito, falasse que conhecia Filisberto Casari - ele tinha um bigodão -, tudo dava um jeito. Ele era um homem de muita confiança, muito honesto, mas demais, demais; ele era um homem íntegro, e a vida da gente foi maravilhosa, nós era bastante gente, bastante irmão...

Mamãe era boa, corajosa, trabalhadora, e ele também, contanto que nunca faltou nada pra gente, embora tenha tido a queda muito forte no café, assim mesmo ele se sustentou; agora, ele era muito sério, severo em casa, não deixava a gente ir em qualquer lugar, ele que levava a gente no baile, nas festas, e mamãe também,

gostava muito de baile, ia com tudo, cinco ou seis pequenos ela ia, punha todos pra dormir e dançava, adorava baile, ela era muito alegre. Ela cantava, minhas irmãs mais velhas cantaram na Igreja, foram uma beleza; ela rezava o terço toda noite, ensinou todas as rezas pra nós, a família era unida no último.

Papai, no começo, só falava em italiano com a gente, depois quando a gente cresceu, ele falava já meio misturado, porque minha mãe veio de Treviso, meu pai veio de Módena, então eles já falavam diferente. Nas fazendas também não tinham escolas; veio uma professora quando a gente estava maior e eles mesmos fizeram a escola - os italianos - eles mesmos trouxeram a professora e aí a metade das minhas irmãs já estavam meio passadas da idade de estudar, elas iam à noite e a gente ia de dia. Só teve uma que ficou analfabeta, que é essa de 91 anos. Meus tios também davam aula particular de italiano e português à noite, como um meio de ajudar no orçamento da família, todos eles trabalharam na lavoura, meu pai também, só depois que ele foi negociar cereais. Comprava de tudo e vendia de estoque de grãos, aí quando ele pegou uma força, ele começou só com café, ia pra Campinas nas plantações de café, despachava, ele ficou muito bem de vida, mas depois, com a queda no Governo de Getúlio...

Antes disso vivemos na fartura, o que ele comprava pra casa! Parecia coisa de supermercado, ele comprava queijo, sardinha de duas latas, bacalhau de duas caixas e frutas que vinham da Europa.

Nas festas, a gente foi criada com a tradição, que vinha de lá, as comidas de lá... . Dia de Natal era uma comida, dia de Ano era outra, dia de Reis era outra. Fazíamos capeletti, raviolli, rosca, pão-de-ló, panetone; tudo o que eles trouxeram de lá na cabeça, eles faziam aqui. Véspera de Natal mamãe fazia duas ou três fornadas de rosca e dia de carnaval se fazia cróstoli. Todo dia era um dia certo de fazer comida.

Presente, a gente fazia uma cestinha, enchia de capim - que Nossa Senhora ia passar no Natal para dar comida para o burrinho - era isso o que eles ensinavam, a gente punha embaixo da cama, depois os pais iam lá, tiravam o capim e enchiam de bombom, de docinhos, e a gente acreditava, ficamos grandes pra deixar de acreditar.

Desde os sete anos a gente trabalhava, ia na escola e quando voltava ia para a roça, fazia o que podia, mas ia. Antes era tudo organizado, não é como hoje que os filhos... O dinheiro era na mão do pai, ele dava quando precisava, o resto punha no Banco; depois houve uma época aqui em Tietê que o Banco se quebrou, os

italianos ficaram tudo sem dinheiro, judiação! Tinha aquela economia suada, né, mas depois, foram em frente de novo.

(...) E a gente em casa era aquela harmonia, a gente chegava da roça contente, cantava, não era como hoje essa gente que reclama, ninguém reclamava e fazia de tudo na roça, não existia maquinaria, era o peso da enxada mesmo. Minha mãe quase tinha o filho na roça, chegava em casa, matava a galinha, punha no fogo, tomava banho, ficava esperando a parteira e tinha o filho!

Mamãe cantava, e quando ela ia dobrar as roupas de noite, ela ensinava a reza pra gente, eu lembro uma inteira:

"Vago in leto
Co'mi angelo perfetto
Caro signore Dio
In leto só d'andare
Ma nó só d'elevare
Caso revesse
Dio me companhece
De dia e de note
Fim e punto da mia morte
Ame cociccia
Jesus, Giuseppe, Maria
Sempre en nostra companhia".
(sic)

Só essa que eu lembro inteira, mas eu sabia o Pai Nosso; ela ensinava tudo, dobrando a roupa e eu nunca ouvi mamãe reclamar

das coisas, ela estava sempre de bom humor, sempre alegre. Olha, ela socava o café em côco, torrava, depois socava, tirava a casca; se queria fazer canjica, socava o milho. Fogão de lenha, a primeira coisa era fazer o forno de assar o pão; fazia a casa, já fazia o forno. Eu falo sempre para as meninas, ninguém reclamava.

Eu tinha um papagaio que aprendia todas as músicas que eu sabia, e quando eu casei ele morreu, quinze dias depois ele morreu de tristeza, porque eu sai de casa, eu era muito alegre. Eu não sabia ficar sem cantar, ficar sem assobiar, eu nunca me lembro de ter tido tristeza.

Meus pais discutiam, mas eu nunca ouvi brigar, mas naquele tempo, se respeitava, minha mãe falava "mecê" para o meu pai, meu pai falava "mecê" para a minha mãe, era coisa de italiano, como se fosse "senhor", "senhora", agora, eu sei que a gente estranha, que hoje, mesmo no namoro, já se começava a brigar. Olha, eu respeitava o meu irmão mais novo como se fosse um pai mais velho da casa, a gente deixava até ele se servir primeiro...

As brincadeiras nossa era em casa mesmo, com uma gaita nós já brincava, olha, era meia-noite e nós dançando com uma gaita, você já pensou? Reunia todos os vizinhos, cantava violinha, correr anel (que usava um tempo), amontoava até cem pessoas, moços e

moças, brincava naqueles terrenos grandes, e tudo era alegre, tudo era divertimento.

Os casamentos eram maravilhosos, tinha toda aquela festa, matava tudo em casa, assava tudo nos fornos aquelas comidas italianas, depois traziam os noivos até na cidade, casavam e iam embora; com as minhas duas irmãs primeiras foram assim. Voltava tudo o acompanhamento lá outra vez, até que tinha comida, tinha festa! Era muito diferente...

Como eu tenho saudade daquela época, ontem mesmo eu fui na casa da minha irmã, coitada, não queria deixar eu ir embora!

Eu sempre tive um sonho, a gente gostaria..., porque tinha a professora que levaria a gente na cidade, em São Paulo; ela dava estudo, em três anos formava professora, a gente sonhava né, mas era bastante irmãos, para mandar tudo não dava, então, meus pais não me deixaram ir, foi só meu irmão. Olha, eu fui aluna e nunca tive uma letra baixa na escola, eu era boa em matemática, eu era boa em português..., e com três anos eu formaria. A professora lidou, lidou, lidou...

Hoje eu acho que é necessário que a mulher estude, trabalhe, seja independente, mas eu acho que o mundo não ficou mais igual, assim a mulher ficou muito independente, sobrecarregou muito ela e

o homem ficou mais folgado, eu acho, no meu parecer. Porque olha, a mulher vai trabalhar tanto que nem o homem, depois chega em casa, tem tudo o que fazer, e o homem fica no bar, bebendo. Nessa parte que eu acho que não deu muito certo, porque olha, todas as mulher primeiro, quando nós mudamos para a cidade, a gente sabe né, nenhuma ia trabalhar, só de solteira, depois casava, parava.

Mas só que a mulher era muito discriminada, não tinha o poder de fazer o que ela queria, sempre era "abaixo" do marido.

Mas que a grande liberdade da mulher, para a mulher foi pior, eu acho. Porque olhe, você pense a mulher, ela faz tudo na casa e tudo lá fora, e o homem?

A coisa mais linda do mundo foi a aposentadoria da mulher, porque ela tem aquele pouco para fazer o que ela quer, mas infelizmente, não é tudo que teve a sorte... . Porque essas aí que nem minha filha que é aposentada e vai trabalhar, isso é uma ganância dela, porque não era preciso, mas enfim, ela gosta...

Minhas filhas falam que eu lembro demais, eu tinha três anos, meu irmão - único homem que tinha na família até aquele tempo - ele se queimou, eu lembro como se fosse hoje o quanto ele chorava, o quanto ele gritava, o que fizeram para aquele bendito, e graças a Deus ele se salvou; a gente tinha aquele amor por ele ser o primeiro

menino na família, o primeiro morreu e depois de nove mulheres, veio um homem ele era o xodó, e eu lembro de tudo, eu tinha três anos. Eu tenho culpa de lembrar?

Eu lembro de tudo o que aconteceu, eu lembro o que passou, mas a gente tem saudade, embora tivesse sido amargo aquele tempo e hoje as coisas são mais fáceis, mas eu tenho saudade..., da mãe da gente, do pai da gente. A gente chegava em casa do serviço, queria achar tudo para tomar banho, mamãe vinha lá achava, ai meu Deus, quando eu lembro..

Agora, o mais difícil de ser italiano era ter que aturar as sogras, as mulheres faziam polenta e escondiam na perna para a sogra não ver, e se queimavam tudo, guardavam tudo, eram tudo empanada; elas viam como tava, quando a sogra ficava doente, tiravam aquela camada, deixavam como tava, daí não percebiam e elas escondiam, e aí passavam aqueles dias de comer à vontade.

Um irmão do meu tio foi trabalhar - eles iam trabalhar em outra região, aonde não tinha muito frio - e ele levou doze pão e doze garrafa de vinho pra passar os oito dias onde ele iria trabalhar; na estrada ele comeu tudo, quer dizer, como era viver se você fosse soltar comida?

Lá era tudo cronometrado, era tudo certinho, e lá elas sofriam muito, porque eram escravas da sogra, a sogra era quem mandava, era a lei dela. É isso só que era ruim lá, do resto...

Tinha ladrão como aqui. A nona criou peru para fazer o enxoval dela pra casar, estavam prontinhos para vender; levantou, não tinha mais nenhum, já tinham roubado e vendido na feira. Para roubar vaca, eles punham um cobertor no pasto para não fazer barulho, e roubavam as vacas de leite.

Os italianos eram uns "leão" para trabalhar, mas eles não se acostumavam com a falta das coisas e eles não entendiam nada, o patrão que ia comprar e trazia as coisas tudo errada...

Como o meu primo padre falava, que só os pretos foram escravizados, mas os italianos foram muito mais, porque os pretos já trabalhavam naquelas turmas, e eles faziam o que podiam, mas os italianos, com aquela vontade de crescer - porque eles morriam de trabalhar - e chegavam no fim do dia sabe qual era a comida deles? Polenta com leite; e era o dia que eles comiam melhor, era o único dia de comer bem; pedia queijo, não tinha, eles faziam aqueles coxos de fubá com sal e jogava água fervendo por cima e iam comer. Só choravam, só choravam, sofreram, e os patrão não dava "canja" para eles sair, não tinham dinheiro para sair, então eram obrigados a ficar,

eles foram mais escravos que o preto, mas ninguém fala disso. Os italianos eram muito gananciosos, muito trabalhador, mas depois de tanto custo, eles puderam se libertar, e o preto se contentava em ficar ali, vivendo naquela miséria, o italiano não...

Eles falavam que chegando aqui, no descer do navio, era só dinheiro, só dinheiro. Coitados, chegavam aqui e viam a dureza, aquela miséria, era o patrão que comprava tudo...

Meu pai também adorava política, eles alugavam um vagão de trem de Botucatu a Itapetininga no tempo de Júlio Prestes, nossa senhora, ele era fanático no último. Votava sempre nele, mas perdeu, não é que perdeu, é que Getúlio entrou com a revolução; depois nós sofremos muito com o Getúlio, sabe por quê? Porque ele, por exemplo, em vez de abaixar por causa do café, a gente tinha que apanhar, secar, beneficiar, por no trem, para ele queimar! Ah, ele judiou de nós né, olhe quanto nós sofremos, fazer tudo para dar pronto pra ele queimar, então fizesse assim, por exemplo, tanto café colheu, um pouco levava para ele queimar, não, ele que judiou dos italianos, os italianos só trabalhavam no café...

A única coisa boa que ele fez foi a aposentadoria, ele foi um segundo Collor. Collor o que é que fez de errado? Foi prender o

dinheiro né, que ele fala até hoje, e o que Getúlio fez de ruim foi queimar o café, não podia ter guardado até hoje?

Só sei que eu gosto de lembrar, tudo as minhas irmãs são como eu, lembram de tudo; às vezes minhas irmãs são revoltadas de lembrar de certas coisas, eu não, eu acho que tudo o que um pai faz, ele não faz pelo mal, ele faz pelo bem, de ser enérgico, e agora as coisas mudou, mas mudou pra pior, por quê, que gosto os pais têm hoje, com esses filhos? Separa, casa, depois casa, já separa, ficou tudo uma bagunça, no meu tempo não tinha isso, os pais eram enérgicos. Depois diz que você olhando seu filho até dezoito anos, tá tudo bom, você pode soltar, aquele ali já tem cabeça feita, mas soltar muito criança...

Eu gosto de lembrar, não acho nada ruim do que passou, porque se a gente lembrasse só para gente, mas é pra todos né? Eu já falei pra bastante gente, passou um ano, dois anos, tudo vai para o esquecimento, a gente lembra, mas não é com aquela tristeza, tudo passa. Deus é certinho, que se fosse tudo o que passou você ter tristeza, Deus me livre ...

Eu não lembro com tristeza a morte dos meus irmãos, eu lembro como uma coisa que tinha que ser.



SECRETARIA DE ESTADO DA PROMOÇÃO SOCIAL
CENTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTERua Visconde de Parnaíba, 1.416 - Brás - Tel: 282.1077
CEP: 03044 - São Paulo

Certidão de Desembarque

AUTORIDADE - Nº 011-3/90.....

CERTIFICO constar do Livro de Matrícula da Hospedaria de S. Paulo nº 15

do livro documental do CENTRO HISTÓRICO DO IMIGRANTE, os seguintes dados do FILHO:

Nome: Prassede

Nascimento: 1888

Filiação: Cloto Casari - Prassede

Data de nascimento ou idade: 06 anos

Sexo: masculino

Estado civil: solteiro

Profissão:

Vapor: "SAN MARTIN"

DATA DE DESEMBARQUE 05 de novembro de 1888, em Santos

Chefe de família: Cloto Casari (44 anos)

Composição da família: Prassede (36 anos), Armando (11 anos), Stella (03 anos), Egra (02 anos), Quirino (02 anos) e Tanino (meses)

Destino: Europeia, fazenda de Dr. Augusto Cincinato.

São Paulo, 30 de janeiro de 19.....


funcionário responsável pela emissãoMARJORY HIRUMA FIGLI
Chefe do Centro Histórico do Imigrante
R.G. nº 2402.505

VISTA

CAPÍTULO II

Sr. Antonio

A- Como coisa que comecei aqui, entendeu?

P- Certo

A- Porque se eu for mostrar de onde comecei, eu já vim do Norte com isso, já faz 60 anos. Eu vim em 35 .

P- Para Avandava?

A- Não, eu vim em 1935, do norte para o sul, já com idéia neste sentido, já tinha alguma coisa na cabeça, mas o que eu pus em prática e levei a sério foi aqui. Eu tive em Lins, em São Paulo, lutei assim, mais vacilando, mas o que eu dei início mesmo foi aqui.

Em 58 eu mudei pra aqui, simples, de 2 de julho de 50, eu mudei pra Avandava, vindo de Lins, mais eu já morava quase trinta anos no Estado de São Paulo. Trabalhando de cá pra lá, paude-arara, sofrendo passando amargura na vida, sozinho, sem família. Eu era sozinho, eu não tinha parente nenhum aqui, meus parentes aqui, é os filhos. Meus parentes é tudo do norte.

Então, aqui é que eu vim me colocar na luta, com sinceridade, então na época do Governo Jânio Quadros, com João Goulart, já é quando Jânio Quadros foi eleito e João Goulart a

presidente da república, o sindicalismo já existia, já vinha há três, há quatro anos funcionando. Já tava tudo organizado então, quase todo o município de cada estado do Brasil, o sindicato tava funcionando, e cada estado tinha uma federação para se ligar o sindicato. A federação é que dava o Estatuto para o município se dirigir. O Estatuto mostrava de que forma, que formava um sindicato rural.

Então, nós criemos aquele sindicato rural, quando eu abri aqui, em Avanhandava, já existia em Araçatuba, Birigui, Penápolis, em Marília, em vários lugar do Estado, quase existia, muito, então aquele sindicalista de outro município que tava funcionando, vinha ajudar os outros, então eu recebia ajuda de vários municípios pra fundar aqui, e deu tudo certo. Quando eu tava como oito mês a dez, eu já tava com 800 homens organizados, aqui na Avanhandava, mas em ordem.

Agora, o Estatuto rural, era um Estatuto legal dentro da lei e mostrava o regulamento, o direito que o rural tinha, por isso que facilitou de todo o povo queria ser sindicalista, porque o Estatuto favorecia.

Primeiro, só pôde fundar o sindicato rural a diretoria da categoria, ou pai ou o filho do trabalhador, de gravatinha não podia. Onde entrasse um de gravatinha ia expulso, não podia, era contra a

lei, o Estatuto explicava. Então fundamos o sindicato rural com a categoria. O secretário, eu sei que lá tudo arrumou. E quando entrou, entrou mesmo, e quando foi 59 pra 60 o sindicato aqui já tava funcionando em quase todo o município do Estado. Tá funcionando. Então através do funcionamento vamos criar o direito .
(- a entrevista fora interrompida -)

Pode continuar... Tava funcionando legalmente, então nós fomos criar, procurar o direito, o sindicato tava funcionando, o sindicato rural é federal. Cada trabalho é descontado um dia de serviço por mês, mas aquele dinheiro vem, é descontado no serviço, lá onde a empresa, a usina, onde ele trabalha. Mas, aquele dinheiro vem para o sindicato em benefício da própria categoria. Ali tem advogado se precisar, tem um dentista, tem um médico, tem assistência, tem o hospital, não falta nada pra ele ou pra família.

Se ele é da boa. Agora se ele tem um filho trabalhando é dois dias que é descontado, um é do filho e outro é do pai. Se dois filhos, é três desconto, cada uma pessoa é descontado, se tem cinco filhos, é cinco que desconta. Mas aquele dinheiro vem em benefício da própria categoria diretamente para o sindicato.

Então ocorreu tudo bem, aí depois que legalizou tudo, que estava funcionando tudo, o sindicalismo criou o problema da

reforma agrária, que precisava ter terra para o trabalhador trabalhar. Então criemos este problema da reforma agrária, já era marchando de 60 para 61. O governo da época era Jânio Quadros e João Goulart. Então, o sindicalismo no Brasil criou um problema sobre reforma agrária, e o governo tomou conhecimento e assinou.

O governo federal, quando ele tomou conhecimento e assinou, criou problema contra ele. Que era comunista, e que não podia. E que ia tomar terra, aquela coisa toda né.

Por que os latifundiário não queria de maneira nenhuma, sindicato era feito dentro da lei, mas era contra o latifundiário. Ele não queria de maneira nenhuma, mas ele também não queria que o sindicato rural funcionasse. Foi tudo feito dentro da lei, mas com grande rigor e o governo manteu firme.

P- Aqui em Avanhandava, o Sr disse que tinha já uns 800 filiados no sindicato?

A- Eh!

P- Aqui em Avanhandava, o Sr. falou que tinha um bom pessoal já, no sindicato?

A- Aqui... quando a coisa fedeu mesmo, eu tinha mais de 1000 pessoas já funcionando.

P- Tinha gente contra, na cidade?

A- Lógico, todo lugar tinha gente contra. Tudo que era latifúndio, dono de terra era contra o sindicato. Porque se tinha uma questão na fazenda, o cara vinha e fazia queixa e eu chamava a atenção do indivíduo. Aí eu levava no Fórum, se ele não atendesse aqui eu levava no Fórum. O promotor falava pra mim: “Sr. Antonio, o senhor é o presidente, age lá, se não atende manda pra cá”.

P- Que tipo de questões, o Sr. lembra que tipo de questões eram?

A- Como é?

P- Que tipo de questões os trabalhadores vinham falar com o Sr.?

A- Era todo tipo de serviço, uns trabalhavam na Usina, mexiam com cana, outros trabalhavam na lavoura de algodão, ou trabalhava na roça de arroz, milho, feijão. Tendo que tá trabalhando com o patrão tocava roça de à meia, outro pegava arrendado, outro pegava de qualquer maneira. Era trabalhador rural, tava na lavoura tinha que sindicalizar, tinha que se organizar pra ter seus direitos.

Então eles tinham todo esse direito, qualquer um, seja na cana, fora da cana. Todos que eram organizados tinham o mesmo direito, entendeu? E a categoria que derigia do primeiro até o último, ali tinha tudo organizado.

Então, quando o governo assinou a reforma agrária, criada pelo sindicalismo do Brasil, de todo o Estado, apoiaram e levantaram, e o governo ficou sem saída e teve que assinar. Quando ele assinou, criou um problema contra ele. A expulsão do governo que era comuna, era não sei que lá. Sei que criou um problema, porque o latifundiário é sempre ligado aos trustes, o imperialismo tá sempre ligado ao capitalismo, que é dono da terra.

Os grileiros, a palavra grileiro é aquele que tem a terra sem escritura, que tinha muitos, talvez ainda tenha alguns poucos por aí. Tem muito dono de terra, a metade não tinha escritura naquela época, hoje eu não sei. Então a lei cai em vigor e o governo manteve a ordem. E nós, preparamos o que todo o município se organizou, reuniu as famílias, os sindicalista pra formar a conferência municipal, pra que arrumá toda a cidade.

Então, tinha, da conferência tirava o delegado para conferência estadual, São Paulo, marcava a época, então assim fizemos. Eu saí daqui com uma quantidade de homens, Penápolis saiu, tudo saiu e fomos para São Paulo. Lá, a conferência foi com o apoio das autoridades do Estado no sindicalismo da CUT (sic), o sindicalismo do sindicato que defendeu..; o sindicalismo da construção civil, metalúrgico, tudo ajudou. E formou uma frente

única que estourou, saindo de São Paulo com a caravana, eu nem sei a quantidade, mais ia mais de 2000 pessoas, e fomos pra Brasília. Brasília não, Brasília tinha começado mas não tava terminado. O palácio do governo não tava terminado em Brasília, Então foi realizado em Minas Gerais, na capital de Minas, Belo Horizonte.

Então lá nos reunimos todo, todo o Brasil. Uma caravana de cada Estado. Foi vindo de todo lado, deu 45.000 e não sei quantos trabalhadores rural todo lá. Isso quando chegou este ponto, Jânio Quadros já tinha sido deposto, quando ele foi deposto com 3 dias o João Goulart foi ao poder. E os golpistas, os caras do golpe que foi, depôs o governo, perguntaram pro Goulart:- O Sr. vai fazer a reforma agrária, ele falou: o que foi assinado vai ser entregue, então criou outra onda contra o governo de Goulart que era vice naquela época, já e era o Governo, né.

Criou outra onda contra o governo de Goulart, e nós continuou firme, aí o Goulart chama todo mundo pro congresso e nós foi,. foi todo mundo lá, ele apresentou vários projetos de reforma agrária, acho que 50 ou 60 projetos.

Desde 1910 que entrava projeto de reforma agraria, mas nenhum tinha sido aprovado, mas o de 61, ele disse: esse de 61 vai, que era o que João Goulart. Jânio Quadros tinha assinado, e manteu

firme. Num levou uns 15 a 20 dias criou uma onda de 3 estados e deram o golpe no João Goulart.

Com o golpe João Goulart não anoiteceu e não amanheceu, e os sindicalistas perseguido, quando pau quebrou que João Goulart sumiu. Nós foi tudo persiguido, fecharam o sindicato meu, foi preciso fugiu daqui, sai 2 horas da madrugada.

P- Sr. tinha uma sede do sindicato em Avanhandava?

A- Tinha uma sede, tinha a sede.

P- Onde que era, o Sr. lembra?

A- Era ali onde tinha a casa do Nilso do Isidoro.

P- Na rua marechal Deodoro?

A- Ali, pegado ali, no edificio da cadeia, era ali, ali era o sindicato, que ele foi desmanchado, que ele comprou, desmanchou e fez aquela casa. Era ali o sindicato meu.

P- Os trabalhadores iam lá falar com o Sr. quando tinha algum problema?

A- Ah! Tinha falado, qualquer que pegassem vinham falar comigo, e eu chama o patrão, então criei uma onda horrorosa contra mim que no dia que o pau quebrou. “E pega o Sena e mata, não é pra ficar vivo não, não era pra prender”. Os companheiros meus

sindicalistas foram tudo preso, foram tudo preso, foi nego preso aqui a torto e a direta.

P- Aqui em Avanhandava?

A- Avanhandava, foi preso tudo, o que não fugiu foi preso. O que não fugiu foi preso, e eu fugi.

P- O Sr lembra os nomes?

A- Tem muitos, os que já não foi embora, já morreram, isso já tá pra 30 anos, minha filha, é muito tempo. 61 pra 64 pra 94 são 30 anos, quase 30 anos.

Então, já é muita coisa, mas ainda lembro aqui tem gente aí que foi preso, tem é muito ainda que foram preso naquela época. Então...

Escuta, foram presos e foram detidos, chamados a atenção e, mas o principal culpado era eu, mas eu sabia que se eles me pegassem iria dar fim na minha vida. Então eu fugi, o governo caiu às 2hs, e às 4 horas eu saí daqui, da minha casa, dessa casa aqui, já existia, mas era uma casinha. Saí, saí e fiquei quase quatro meses fora, troquei meu nome e sumi, mas quando... E com isso o exército tomou conta, e alumiou o Castelo Branco, o 1º governo da ditadura, a ditadura militar que mandava.

Então, os golpistas que deram o golpe no João Goulart chegaram no governo, no 1º governo militar que era o Castelo Branco. E perguntaram pra ele, se ele ia fazer a reforma agrária. Ele falou: o que o governo falou, eu vou entregar. Entregar mesmo, entrego terra, aonde tava assinado que nois trabalhô, foi tudo entregue. Promissão, Presidente Prudente, Marília, Tupã, Pereira Barreto.

Onde eu trabalhei, Marília, Andradina, tudo. Então esses foi tudo entregue, e assim foi todo Brasil. Um, e os militares manteve ordem, manteve ordem e acabou, e ficou quieto, entregou as terras e ficou quieto.

Eu também fiquei desnorteado, quando eu cheguei com 4 meses meu processo tava arquivado com 5 anos de cadeia, mas como o *café branco* já tinha assinado, chamou todo os processos pra ser eliminado. Eu fui eliminado no 2º regimento militar em São Paulo, daqui eu fui pra lá. Fiquei aqui, com 5 dias eu fui pra lá, lá fui eliminado. Tinha 9000 e tantos da minha categoria tudo, lá foi tudo tirado, 3 perguntas, 3 respostas pode embora.

Minha absolvição tá aí. Então parou, parou, parou, e vai a democracia, terminou a ditadura, lá se vem a democracia, parece que o Sarney foi o 1º. 2º já foi o Collor de Mello, e eu doente me

aposentei pela idade com 70 anos. Eu tô dentro de 82 anos, fevereiro que vem agora eu completo 82, tô dentro dos 82, dia 13 de fevereiro eu completo 82 anos.

Eu me aposentei com 70 anos de trabalho, aposentei e então, e aposentemos quase todo mundo, aí então criou através do sindicalismo, criou uma aposentadoria também dos trabalhadores rurais, a aposentadoria está em vigor.

Mas, sabe quanto ganhava cada um, fiquei mas de um ano recebendo 2 cruzados, 2 mil cruzeiros por mês recebi, era tudo que eu recebia, eu ficava até com vergonha e de nervoso saí... quando chegava alguém que você via aqueles 2000 cruzeiros.

Hoje, eu recebo com toda a dificuldade, foi mais quase um ano fizemos uma passeata, um congresso com a cobertura de Rio Preto. Em Penápolis, encontrou quase mais 2000 camponês exigindo um salário melhor por que esse não dá. Então, o governo de Sarney deu uma cobertura passando, passemos pra 18 e mais dois pra 20 e tanto.

E quando deu uma cobertura melhor neste sentido foi Jânio Quadros... foi o coisa, depois do Sarney foi o.. Collor de Melo. Ele pintou e bordou no governo dele, nós esperava que houvesse uma

melhora no país, mas infelizmente com toda a desgraça ele melhorou o nosso salário, mas acabou com a situação do país.

Então, a coisa virou, e aí começa aparecer ladrão, bandido e a coisa tá aí até hoje. E eu parado, todo esse tempo eu parado, eu não tô puxando com política nenhuma. Passou essa época, eu encostei, e através da minha idade, através da dificuldade do meu estado de saúde, eu não vou mexer com nada.

Eu estou dando uma entrevista neste sentido pra você, porque você é filha de Avanhadava, e é filha, e é de uma família tradicional da Avanhadava, do pessoal do Vidal. Eu não podia te dar uma cobertura pra você, neste sentido, mas que eu tenho interesse, eu não tenho, sabe por quê?

Porque, a lei brasileira está podre, pelo que se vê não tem nada certo. O governo Collor acabou de desgraçar com tudo, é ladrão pra todo lado, é bandido né, maconheiro. Se vê tá uma confusão danada.

Mas, com relação o que está se passando no Brasil parece até um castigo, o mundo todo está em atrito, cada país tem um problema e esse problema me parece que, quem vai resolver é o Cristo, com a mudança que vai vim automaticamente, eu acredito

que até 2000, ainda falta 5 anos e pouco pra 2000 , passará a humanidade pro terceiro milênio.

Eu já estou nessa, eu entreguei pra Deus, e peço todo dia, quem acredita no Cristo, quem acredita em Deus, que tem gente à toa, ateu que diz que nem Deus existe, morreu cabou. Mentira, morreu acabou coisa nenhuma, a morte é pro corpo só, a vida continua. Essa é a realidade.

Então, hoje eu estou mais pra espiritualidade, do que da palavra do Cristo, que da palavra do homem, porque o homem tá mostrando no planeta Terra que está envenenando a mente dele, ele tá pensando só em si, ele não pensa em Deus , nem no próximo. Ele está pensando só nele, com a ganância, com o egoísmo e com orgulho.

E do outro lado, a aniquidade está aumentando, é gente doente, é gente precisando de remédio, não tem remédio, de médico, não tem médico, precisando de uma terra pra trabalhar, não tem terra. Se vê, prova tá aí, tá pra entrar um ano que tem 2000 e tanta família, aqui na Jangada perto de Getulina esperando a solução da terra. Estão lá sofrendo até hoje, mão calejada que é o seio da pátria, está lá jogado, o que está faltando é justiça, é homem de caráter que venha a fazer justiça pra amparar esse povo, pra que o dia de

amanhã, por que a nação está aumentando, tem que aumentar a produção se não vai morrer de fome.

Então tomo nessa, então a situação do país não com Pedro e nem com Paulo nem se sabe.

Eu já entreguei pra Deus, se é que existe Deus, eu entreguei pra Deus, e espero uma solução através do poderes divino, porque o homem aqui na terra está envenenado. Ele só está pensando nele, nem pensa em Deus, nem pensa no próximo, e a terra tá presa de baixo de 7 chaves, né. Latifundiário não sabe donde surge terra, mas mexeu com ele tá acabado.

Então por enquanto, neste sentido eu não posso fazer mais nada, então eu tô de braço cruzado, através do passado, e através da minha idade, e através do meu estado de saúde, eu não vou mexer mais com nada.

Eu tô dando essa cobertura pra você, por causa que você é Avanhandavense e é filha de uma família tradicional aqui da nossa cidade, a família Vidal. Se não, eu não aceitava você entrar aqui na minha casa, eu já mandava você embora, eu não tenho nada pra falar com você, mas como você me procurou, e eu tenho um sentimento profundo neste sentido, e é uma realidade, eu acredito que de qualquer maneira, segundo está escrito por Jesus, tem que haver

uma solução, tem que no dia de amanhã aparecer um homem com solução, realizando o que é preciso para o bem estar do ser humano no planeta terra, brasileiro. Só isso, viu.

Dona Maria

Eu nasci na Fazenda Santa Tereza, Comarca de Itápolis, no dia 21 de fevereiro de 1918, às 10 horas da manhã. E lá permaneci até aos 14 anos, quando perdi mamãe e papai. Papai morreu com um tumor no fígado e mamãe engasgada com um osso de galinha. Depois disso, os meus irmãos não queriam que eu viesse embora e eu quis vir por conta própria. Aí, eu fui trabalhar em Araraquara, na Santa Casa de Saúde Santa Isabel, em 1939. E lá trabalhei por nove anos e meio, como enfermeira. Estudei um pouco aqui em Araraquara.

No hospital, eu fazia serviço de enfermagem, trabalhava no centro cirúrgico, pois eu era uma menina forte, e eu ainda aumentei dois anos na minha idade, ninguém falava nada. Perguntavam se eu era formada e se fazia tempo que eu trabalhava, e eu dizia que sim. Mas isso não era verdade, eu era nova de hospital. Fui para São Paulo, acabei por dois ou três meses como enfermeira particular e depois fui para o Hospital Matarazzo. Eu consegui isto graças à Irmã Zélia. Uma amiga minha disse para eu ir ao Matarazzo: "você trabalha muito bem, não quero que você fique trabalhando

particular". Não estou me gabando. Ai então, estudei três anos para ser enfermeira. Depois de formada, continuei no Matarazzo. Acabei apanhando uma infecção na vista de um docente e fiquei de licença por seis meses. Dentro desses seis meses, encontrei uma amiga que me convidou para ir à Europa. Eu fiquei com receio de ir, mas ela disse para eu ir, que seria melhor, para não ficar preocupada: "você está de licença, não vai se prejudicar".

Quando nós chegamos em São Paulo, tomamos um avião e paramos primeiro em Recife. Ficamos 40 minutos. Aqueles mulatos sempre educados, que falavam inglês e italiano. Depois de 40 minutos, fomos para a Ilha do Sal, descemos, tomamos banho, almoçamos e fomos ver o mar, mas de longe. Porque disseram que ele engoliu muita gente. Não sei se é lorota, o pessoal de lá disse que sumiu muita gente. E você sabe, brasileiro tem um pouco de medo. Tomamos novamente o avião e fomos para Portugal. Paramos mais de 40 minutos, almoçamos e tomamos outro vôo para Milão. Em Milão, fiquei muito doente, porque comi uma comida que não estava acostumada, ficando de cama de manhã e, quando foi meio dia, levantei e fomos andar. Milão é muito linda.

Minha amiga adorava jogar e me convidava para ir junto até a Suíça. Mas, eu não gosto de jogo, e não fui. A gente andou

bastante, visitamos a Igreja do Papa, tudo muito lindo, bem organizado. Só que nós não tivemos sorte, o Papa estava de retiro, ele nos abençoou pela janlinha. Mas, assim mesmo ficamos felizes e satisfeitas. Visitamos também o Museu da Basílica de São Pedro, era uma maravilha, tem tudo lá, você pode escolher jóias, pedras preciosas e aquele vestido todo em ouro...

No hotel, dormíamos até o meio dia, porque lá a vida é diferente. Nós fomos almoçar na chácara do Dom Pepponio. Foi um almoço muito bem servido. Depois nos convidaram para ir visitar os porcos, queriam que a gente visse a criação, onde eles faziam queijo. Eram porcos grandes, bonitos, brancos que eu nunca vi.

Na Fazenda Santa Isabel, a gente brincava muito. Eu era moleca e danada. Trepava em árvore como menino. Andava a cavalo, tinha cabrito, a gente tirava leite de vaca, tomava leite. E quando era tempo de colher algodão, a gente trabalhava para ganhar um dinheirinho. Sempre lutei muito em minha vida. Eu tinha muitas primas, amiguinhas mas, sempre estávamos em família, fomos criados em família. Eu era muito levada e safadinha. Eu brigava com as crianças. Uma vez, uma amiga me falou um nome feio, e eu enfiei o couro nela, deixei ela deitada no chão.

Sempre trabalhei, minha vida foi trabalhar. Depois do hospital, trabalhei muito como particular, com nenê. Saía do meu serviço e ia para outro plantão. Se eu tenho minha casa hoje, foi por causa do meu trabalho.

Viver em São Paulo era muito frio. Quando eu cheguei não conhecia nada, eu era uma estranha. Tinha uma garoa tremenda, tudo mais difícil. Eu andava do Matarazzo até a casa da minha prima no bairro do Paraíso. Isso foi em 1949.

Depois eu sempre morei perto do Matarazzo, na casa de uma senhora que alugava quartos. Eu saí do Matarazzo e dei entrada num pequeno apartamento, na praça Júlio Mesquita, na Avenida São João, no oitavo andar no número 187. Era ótimo, gostava muito dele.

Me arrependi amargamente de ter vendido. Se eu pudesse comprá-lo de novo, gostaria de voltar a morar em São Paulo. Eu tenho uma irmã em São Paulo, agora só sobrou nós duas. Mas, por outro lado, se eu estivesse em São Paulo, quando eu fiquei doente, não teria tido os recursos que tive em Araraquara. Minha família me tratou, me hospedou por quatro meses, graças a Deus. E tudo isso foi um conforto para mim. Eles são muito bons.

Foi por isso que eu fui trabalhar, abandonando minha família. Já que tinha perdido pai e mãe, não gostava que mandassem em mim. Aí, eu recebi uma carta de uma amiga, dizendo que estavam precisando de uma moça forte, que queria trabalhar no hospital, para eu ir que estavam precisando de mim. O meu primo vinha uma vez ou outra me visitar. O engraçado é que quando eles estavam doentes, eu os ajudava. Não é para me orgulhar. Eu podia ter tido meus filhos, eu adoro criança, e ter ficado do lado do homem que gostava. Depois não teve mais nada. O que tinha de médico, aqui mesmo em Araraquara, de pessoas atrás de mim. Eu era muito vistosa, tinha um corpo muito elegante, andava sempre bem vestida. Quando a irmã dele morreu, ele queria se casar comigo. Isso foi em 1990. A irmã dele morreu dia 12 de fevereiro de 1990 e ele no dia 19 de fevereiro do mesmo ano, perto do meu aniversário. Ele foi embora para Marília, apesar dele não querer. Ele pediu-me em casamento, já que não havia mais ninguém para atrapalhar. Mas eu disse que estava doente. E outra, eu queria casar quando podia ter nenê. Tô certa? Como eu iria ter filho com essa idade?

Eu sempre fiquei solitária. Em São Paulo, eu não ia ao cinema ou teatro. Eu sempre trabalhei, pois depois que alguém te proíbe de um negócio desse, você perde a ilusão. Agora, tem a nossa

comunidade da terceira idade. Tem baile, passeio, excursões... Eu vou, mas não é sempre que tenho dinheiro.

Eu faço trabalhos manuais pra Apex, crochê, por exemplo, guardanapos, panos...

Acho que não tenho mais nada para falar. Quando te proibem de namorar, a vida se torna constrangida, a gente não tem vontade de nada. E eu também tinha pavor de livros, de leitura. Porque o meu pai não queria que eu estudasse por causa do meu tamanho. Com doze anos, eu era moça formada e ele não queria que eu fosse para a escola. Em relação às coisas de escrever, eu tenho trauma. Meu pai não nos deixava sair. Ao lado de casa, tinha um salão fino, bonito e ele nunca deixou a gente freqüentar. Ele não gostava de pintura, não queria que eu cortasse o cabelo.

A fazenda pequena era do meu pai e quando ele morreu, a gente deu a fazenda grande para os meus primos. Hoje são dos Quadros. Quer dizer, o que tenho é tudo do meu suor, só o que construí.

Na minha casa, quem trabalhava era meu avô e meus irmãos. Quem sustentava era meu pai, ele era o chefe. Meu pai não tinha profissão, ele só lia. E não queria que eu estudasse..., é por causa da molecada e por eu ser moça crescida e bonita. Pai italiano é assim

mesmo. Minha mãe gostava do Pedro. Meu pai era homem que bebia. Quando ele vinha à noite, ele tinha uma égua e uma cachorra chamada Mesquina. Ele caía do cavalo e a égua ficava esperando, não vinha embora. Juro por Deus! Enquanto ele não vinha, o cavalo não saía de lá. A minha mãe ficava triste demais. Ela era linda, seu cabelo tinha uma onda. Só tinha festa perto dos Quadros, procissão, missa e fogos. Não tinha estrada, você ia a pé até a cidade. Tinha apenas uma jardineira que passava nos Quadros, São Lourenço do Turvo, Matão e Itápolis.

Nada me impressiona... mais do que entrar no centro cirúrgico, segurar a anestesia e ver uma perna sendo cortada... Juro por Deus! Eu não tenho medo. Posso ver alguém da minha família sofrendo, mas fico na sala vendo. Eu me dava muito bem no Matarazzo. Quando eu saí, minhas amigas choraram. E a irmã tinha um ciúme de mim! Quando eu fui embora, a irmã disse que parecia que tinha saído um velório. Até os próprios médicos contavam os seus problemas para mim, todo mundo confiava em mim. Quando eu ficava num quartinho dobrando roupas, eles vinham conversar comigo. Eu comecei trabalhando doze horas, e com as leis do Getulismo, oito horas. A gente ficava cansada de trabalhar doze horas, mas precisávamos, e ninguém falava nada. Nem horário para

almoço, a gente tinha. Você tem que circular ou ficar na sala o tempo todo.

Depois de dois anos que trabalhei no centro cirúrgico, fui fazer um curso de enfermagem. Nós fazíamos os estágios no hospital da escola de enfermagem da Pia Matarazzo e outros em hospitais pobres. Era uma turma de dezoito, dois homens e o resto de mulheres. Foi uma maravilha, todos nós ficamos juntos até se formar, por três anos. Quando nos formamos, todo mundo ficou fazendo aquela festa, se preparando, fazendo vestido e a capa da enfermagem. Foi uma turma ótima e a festa foi linda, cheia de comes e bebes. Depois a turma foi se despedindo, cada um foi pra sua casa e uma parte continuou no Matarazzo. Ai eu trabalhei no Matarazzo de 1951-1974, e me aposentei. Continuei trabalhando por muito tempo como particular. Depois, resolvi voltar para minha terra. Não é bem minha terra, mas eu voltei para Araraquara. O povo daqui é muito arrogante, trata você como ninguém.

Ah! Eu esqueci de dizer que estive em Caldas Novas, em dezembro do ano passado. Eu gostei demais das piscinas aquecidas. Fiquei na água muitas horas, brincando e contando piada. À noite, tinha bingo e baile. Mas, eu não quis dançar, pois meu irmão havia falecido.

Eu tenho uma sobrinha muito pobre, que tem dois gêmeos e o marido não tem serviço. Quando ela precisava trabalhar, eu buscava, dava banho, almoço e lanche às crianças. O Flávio é excepcional e por onze anos eu cuidei dele, todo dia essa mesma vida. Minha paixão é o Flávio. Mas, depois que eu fiquei doente, ele passou a ficar menos em casa.

Para finalizar, gostaria de dizer que sou apaixonada pela minha família. Sempre quando tem alguém doente, eu cuido com muito amor. Nos últimos dias do meu irmão, eu fiquei dezenove noites com ele. É sempre assim, a gente colhe o que planta. Quando eu fiquei doente, todo mundo me ajudou.

Um desejo que eu tenho, era voltar para a Europa, poder viajar de novo. Quem sabe eu possa cuidar dos seus nenês. A maior alegria de um casamento são os filhos. Hoje alugo quartos e vou continuando a vida.

CAPÍTULO III

Experiências de pesquisa com mulheres trabalhadoras rurais: notas de um diário de campo

I- Introdução

Este texto é fruto de algumas reflexões metodológicas relacionadas às técnicas de pesquisa empírica - especialmente histórias de vida - utilizadas na implementação do projeto de pesquisa "Mulheres Bóias-Frias: Natureza ou Anomalia? - presença/ausência feminina nas formas de luta e participação política dos trabalhadores rurais em São Paulo". Tal pesquisa foi desenvolvida no período de um ano (1988/89) sob coordenação da Profª Drª Maria Aparecida de Moraes Silva, com o apoio da Fundação Carlos Chagas, tendo como preocupação fundamental captar as relações de gênero e de classe nas cidades de Barrinha, Guariba, Dobrada e Santa Ernestina, região de Ribeirão Preto.

Entendendo que para captar as relações de gênero e relações de classe, e compreender a presença/ausência da mulher trabalhadora rural nas formas e práticas de luta no conjunto da categoria dos trabalhadores rurais desta região (chamados

pejorativamente de bóias-frias), tornou-se necessário dar conta da realidade na qual esta categoria se insere. De tal modo, nossa postura teórico-metodológica vem de encontro à Lefebvre (Lefebvre, 1961), que critica a noção de totalidade como algo dado, reintroduzindo a noção de totalização enquanto algo dinâmico, absorvedor das práticas humanas. Também nos pautamos no autor para abordar a noção de realidade, que não aparece como dada, acabada e pronta. Ela supõe o "possível" e, deste modo, aparece dialetizada, tal como a noção de totalidade. Tais questões conceituais são apresentadas aqui, contudo, de forma bastante pontual, pois, de outro modo, fugiria dos propósitos deste texto. São, desta forma, utilizadas como aporte teórico para a compreensão do contexto social investigado.

Articulando este universo da pesquisa com o trabalho empírico realizado, foram elaboradas as reflexões aqui presentes como uma contribuição para a área de estudos sobre relações de gênero em seus aspectos metodológicos, através de um relato sobre os bastidores da pesquisa com especial ênfase nas histórias de vida enquanto técnica de investigação social.

II- O Universo Empírico

A região de Ribeirão Preto, no interior do Estado de São Paulo, é de extrema relevância como universo de investigação sociológica, sendo denominada, pelo seu alto grau de desenvolvimento agroindustrial, como "Califórnia Brasileira". Por sua vez, as cidades selecionadas para o trabalho empírico traduzem e refletem, de maneira exemplar, toda a complexidade e ambigüidade que compõem a totalidade da realidade social investigada, e que se expressa na existência das "cidades dormitórios".¹

Deste modo, chama a atenção de forma contundente o fato de que existe de um lado um "mar de cana", uma agricultura rica e extremamente capitalizada, de outro, existe um "mar de miséria", que se traduz na precariedade em que vivem os trabalhadores rurais assalariados nessas cidades, onde o poder público, muitas vezes ligado aos usineiros, deixa muito a desejar, principalmente, em

¹ . Assim chamadas pelo fato da maioria da população (PEA) ser constituída de trabalhadores rurais, que se empregam nas usinas e fazendas da região, passando o dia todo no campo, voltando para as cidades somente no final da tarde/início da noite para dormirem. Moraes Silva contesta esta denominação porque ela esconde as "relações multidimensionais" que subjazem nessas cidades (Moraes Silva, 1993).

questões relacionadas à infra-estrutura, saneamento básico, habitação e saúde, agravando ainda mais a situação de pobreza e exploração desses sujeitos sociais.

É necessário ressaltar que a diferenciação dessas cidades entre si também ocorre ao nível da organização política destes trabalhadores, passando, principalmente, pela postura e atuação dos sindicatos de trabalhadores rurais ou dos sindicatos de empregados assalariados rurais. Com a criação da FERAESP (Nova Federação dos Assalariados Rurais), e também a partir da atuação dos agentes da Igreja (CPT e Pastoral dos Migrantes), FASE-Jaboticabal, dos partidos políticos, centrais sindicais etc., os quais, de formas diferenciadas atuam nas várias cidades, evidencia-se, a diversidade das maneiras e propósitos utilizados no sentido de organizar os trabalhadores e dar-lhes o apoio necessário no enfrentamento à organização patronal dos empresários rurais².

Uma outra diferenciação também ocorre em virtude das greves de Guariba, nos anos de 1984 e 1985, onde os trabalhadores rurais desta cidade ficaram bastante marcados, especialmente pela violência com que foram tratados e pela discriminação que sofreram

² A FERAESP nasceu de um rompimento em 1989 de grupos dirigentes dentro da FETAESP (Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de São Paulo).

durante alguns anos como "trabalhadores grevistas" que "criam problemas" etc., dificultando-lhes assim, entre outras coisas, o acesso ao trabalho. Nesse sentido, tornaram-se desconfiados e temerosos em darem entrevistas ou falarem abertamente com "estranhos", na medida em que foram, por demais, prejudicados por repórteres que, na época das greves, enviesaram os fatos e os publicaram em manchetes. Logo, o medo de perder o emprego ou não conseguir se empregar na próxima safra torna-se muito grande, funcionando até mesmo como obstáculo na relação destes trabalhadores com os pesquisadores que com eles interagem. Este fato, entre outros, foi detectado em nossa entrada em campo e no envolvimento com as mulheres trabalhadoras rurais - sujeitos da nossa investigação social.

III- A Entrada em Campo

Conforme exposto até aqui, uma das dificuldades iniciais de nossa entrada em campo, foi no sentido de nos tornarmos confiáveis, de demonstrarmos não ter nenhum vínculo com os usineiros ou quaisquer outras pessoas ou órgãos/entidades que pudessem prejudicá-los. Enquanto elementos participantes do processo de

interação da pesquisa com os pesquisadores, foi trabalhada com cuidado a postura de pesquisadoras e nossa conduta nesse processo, procurando também dar conta das dificuldades e interferências decorrentes de nossa inserção na "esfera do outro". Tais interferências eram percebidas, especialmente, em relação às representações que os sujeitos investigados faziam das pesquisadoras enquanto vinculadas a uma instituição "abstrata", até mesmo "metafísica", que é a Universidade em seu distanciamento espacial e contextual da realidade destes sujeitos.

Em meio a estas questões, houve também empecilhos burocráticos dos trâmites acadêmicos no que se refere à efetivação da pesquisa de campo, junto às dificuldades de entendimento dos objetivos da pesquisa por parte dos sujeitos pesquisados, que em todo momento nos questionavam sobre a importância e validade da pesquisa no que lhes diz respeito mais diretamente. Deste modo, várias reações foram observadas, refletindo a vulnerabilidade do papel do pesquisador para a representação dos pesquisados. Assim, a credibilidade dos dados obtidos foi sempre ponderada e redimensionada no decorrer da pesquisa de campo, devido às reações oscilantes dos pesquisados quanto às situações apresentadas, já que reações negativas e positivas se mesclavam, ora

enquanto reflexo do medo ou constrangimento, ora enquanto reflexo de uma interpretação equivocada de nosso papel em tais situações.

Se por um lado, sermos confundidas em momentos específicos, com repórteres, causou-nos empecilhos, em outros momentos, possibilitou-nos uma abertura, na medida em que um repórter pode ser um canal de divulgação para a sociedade daqueles aspectos que os trabalhadores rurais dessas cidades preservam e valorizam, aspectos estes relacionados basicamente à sua cultura, como a realização de festas tradicionais ou comemorações religiosas. Um bom exemplo, nesse sentido, é a Folia de Reis que acontece todos os anos em Barrinha, organizada por eles próprios.

Também uma certa confusão acerca de um imaginado poder de decisão política de nossa parte trouxe expectativas e envolvimento bastante contraditórios. Estes vieses, sempre presentes em tais processos de pesquisa, devem ser considerados como elementos a ser ponderados na tentativa de relativizar os dados obtidos e compreender a realidade investigada. O fundamental, entretanto, é perceber que somos sempre confundidas: assistentes sociais, agentes do governo, repórteres, "espiãs" etc. Nunca ninguém acena com a possibilidade de sermos tão-somente pesquisadoras, fato que, em última instância, demonstra um

desconhecimento generalizado de significativa parcela da população sobre a realização de pesquisas nas ciências sociais, e particularmente, sobre seus procedimentos metodológicos.

Neste quadro de representações enviesadas ou não, visamos elaborar essencialmente um instrumental de pesquisa que nos possibilitasse compreender, da forma mais fidedigna possível, esta complexidade do real nas várias formas em que este se apresenta, buscando interagir com os sujeitos pesquisados no contexto no qual se inserem. Esta inter-relação deu-se através de um envolvimento com os sujeitos, buscando colocarmo-nos em uma posição de "desconhecedoras" de uma realidade que nos incitava conhecer. Tal procedimento não se pautava numa compreensão das pesquisadoras enquanto "tábua rasa" (já que somos um polo socialmente determinado) e sim, numa postura metodológica de relacionamento com o outro. Junto a isto, a postura consciente de sermos vistas como "diferentes" em nossa inserção no universo empírico, permitiu um considerável acréscimo, quando as diferenças serviram para valorizar as experiências do outro - aquele saber vivido que não detemos porque faz parte do outro e não de nós.

Privilegiando, assim, o universo das mulheres trabalhadoras rurais e utilizando técnicas de pesquisa como entrevistas, observação

direta do espaço social, conversas informais com os sujeitos componentes da vida destas mulheres, atuamos com participação discreta e atenta à confiança, tantas vezes depositada pelas mulheres investigadas como sujeitos do universo da pesquisa. Tal procedimento propiciou a elaboração de um quadro de análise sobre nossa conduta e posicionamento enquanto pesquisadoras. Através de discussões e contatos-chave referentes à realidade estudada, foi sendo tecido um quadro prévio de compreensão desta, o que facilitou tanto nas reflexões teóricas quanto nos contatos diretos com os sujeitos.

As técnicas de pesquisa utilizadas formaram uma conjugação de experiências, combinando instrumentos empíricos e percepções subjetivas para a compreensão das questões propostas pelo projeto de pesquisa, já apresentados anteriormente. Para tanto, o equacionamento de tais técnicas, bem como o material coletado e as observações e interpretações realizadas, passaram por um processo de reflexão constante, através da interação entre os pesquisadores e a coordenadora da pesquisa.

Assim, através das discussões, dimensionamento da realidade empírica e teorias desenvolvidas a respeito, novas questões foram recolocadas acerca também das metodologias de pesquisa em

ciências sociais, bem como das técnicas utilizadas e seus resultados. Privilegiamos, desta forma, o aspecto qualitativo da pesquisa, atentando para entrevistas que permitissem um aprofundamento de dados e referências pessoais, buscando identificações e diferenciações na categoria de mulheres trabalhadoras por nós entrevistadas.

Estas reflexões e práticas, cabe salientar, estão articuladas a uma linha de discussão metodológica feminista, que questiona os preceitos clássicos da Sociologia sobre a distância entrevistador-entrevistado, bem como da própria inserção do pesquisador no universo da pesquisa. Esta linha encaminhou o processo de investigação social aqui esboçado.

IV- A História de Vida como Técnica de Pesquisa

Conforme foi explicitado anteriormente, nesta pesquisa a história de vida foi privilegiada como técnica que melhor nos possibilitou captar a realidade, apresentando-se como um instrumento satisfatório de apreensão do real em vários de seus aspectos.

É fundamental ressaltar que, segundo Roger Bastide, pesquisadores que se utilizam da história de vida, enquanto técnica, diferem quanto aos seus objetivos e às finalidades de sua aplicação. Maria Isaura Pereira de Queiroz, por exemplo, chama-nos a atenção para o fato de que fazer uma história de vida não é simplesmente chegar à uma pessoa e pedir-lhe que nos conte sua vida. Existem dificuldades que vão desde o preparo do pesquisador até a escolha do informante. Destaca ainda, que o pesquisador deve ter um conhecimento prévio da realidade que pretende trabalhar e um preparo teórico que dê conta deste contexto. A história de vida não se traduz simplesmente num relato cronológico de acontecimentos, opiniões e atitudes do informante. Por outro lado, a conquista da confiança do pesquisado em relação ao pesquisador precisa ser considerada, e o local da entrevista ser apropriado, o que Queiroz chama de "condições ótimas" para a obtenção de uma boa história de vida, ressaltando por fim, a importância fundamental do depoimento livre do informante.

É essencial salientar o fato de que, para uma pesquisa atingir satisfatoriamente seus propósitos, não se deve contentar com uma única história de vida, mesmo levando-se em consideração ter eleito um indivíduo bastante representativo para o contexto estudado.

Nesse sentido, é relevante que se façam várias histórias de vida para que o pesquisador possa deduzir deste material, além de fatos sociológicos importantes, a representação que os representantes têm a respeito, confrontando várias experiências vividas, o que possibilita, em última instância, uma melhor apreensão do real. Foi com esta preocupação que as histórias de vida foram trabalhadas nesta realidade específica.

Deste modo, entre histórias de vida e fragmentos de histórias de vida, doze mulheres trabalhadoras foram contatadas nas cidades, já mencionadas. Essas mulheres foram escolhidas a partir do nosso conhecimento prévio da realidade, onde, após várias visitas e contatos-chave, optamos, de acordo com os objetivos da pesquisa, por aquelas que eram representativas e com as seguintes diferenciações: mulheres que participam ou não da luta dos trabalhadores e do sindicato, solteiras, casadas, separadas, mães solteiras. Tal diferenciação refletiu, conseqüentemente, nas especificidades de cada caso, nas condições de vida e de moradia das entrevistadas, no tempo disponível para as entrevistas e em suas predisposição para realizá-las.

É necessário não perder de vista as determinantes existentes em pesquisa em ciências sociais, as quais se expressam naquelas

variantes referentes à realidade e reflexos desta nos sujeitos pesquisados. Observamos, que nem sempre, a questão do espaço-tempo permite uma utilização perfeita da técnica da história de vida, caso esta seja tomada de maneira inflexível, a partir das reações das entrevistadas frente à situação de entrevista, assim como das imposições cotidianas sobre estas mulheres em relação aos cuidados com os filhos, tarefas domésticas, condições precárias de moradia, barulho vindo da "casa" dos vizinhos etc.

Desta forma, nem sempre existiram as condições favoráveis para o encaminhamento da entrevista: o pouco tempo disponível pelas entrevistadas, a dificuldade de um ambiente silencioso, entre outros fatores, fez com que fossem privilegiados alguns aspectos das histórias de vida de algumas destas mulheres. O fato também de que algumas mulheres falem pouco e, constrangidas, silenciem ou sejam muito vagas nos seus depoimentos, trouxe a necessidade de introduzir alguns questionamentos mais específicos, privilegiando algumas lembranças, sentimentos e representações, que talvez, na fala puramente livre não aflorassem, dados os contratempos anteriormente expostos.

Tendo como propósito elaborar, através deste texto, uma reflexão acerca da técnica de história de vida, procuramos ponderar

os aspectos vivenciados, tanto no processo de viabilização da pesquisa, quanto no encaminhamento desta nas experiências de campo.

Finalmente, a especificidade da pesquisa em ciências sociais não permite nenhum tipo de inflexibilidade frente ao instrumental metodológico, fazendo-se necessária uma rediscussão permanente acerca deste em sua interlocução com a realidade concreta.

V- Algumas Situações Vivenciadas em Campo

Como foram desenvolvidas em parte anterior deste texto as passagens do processo de pesquisa, passaremos agora a um relato que dê conta de fatos empíricos, os quais possam refletir a concreticidade do contexto e situações vivenciadas. Desta forma, serão apresentadas algumas referências à realidade empírica estudada, provenientes, basicamente, de observações diretas, assim como das situações ocorridas na realização das histórias de vida.

Em primeiro lugar, um episódio da pesquisa de campo é lembrado de forma marcante: após um convite para participarmos de uma Folia de Reis realizada na cidade de Barrinha, observamos uma situação bastante instigante acerca das representações vivenciadas

pelos trabalhadores durante esta festa religiosa. Num espaço cedido pela Prefeitura da cidade, realizou-se um almoço que antecedeu o momento da cerimônia, onde foi observada uma explícita divisão sexual do trabalho, na medida em que as mulheres, atuando em conjunto no preparo da comida, diferenciavam-se dos homens que se apresentavam como os verdadeiros detentores dos conhecimentos referentes à Folia, assim como do encaminhamento da festa.

Contudo, embora os homens tenham atuado como componentes principais da Folia e passado a manhã inteira afinando os instrumentos para as toadas, o domínio total do desenrolar da cerimônia fez-se sob orientação do mais velho - mantenedor da tradição e conhecimentos de épocas passadas em que a Folia de Reis era realizada nas fazendas e, onde, mantinham uma forma mais genuína. Através do discurso deste senhor e também das atitudes e comportamentos dos demais, há um contexto de teatralização, numa mistura de fé, respeito à tradição e até mesmo de puro desconhecimento da situação vivenciada, num processo em que haveria uma "idealização" do passado através duma recriação do presente.

Munidas de gravadores, atentas a todos os passos da festa, sentimos uma extrema receptividade e atenção. Ser o "outro" não

era motivo para distanciamento ou obstáculos de nenhuma ordem, muito pelo contrário, abriu-nos as portas da interação e do envolvimento.

Entretanto, muitas diferenciações ocorrem na relação com espaços e situações de pesquisa. Toda a receptividade existente por parte dos sujeitos pesquisados nem sempre se desdobra em outros contextos. Nossa presença no bairro "João de Barro", na cidade de Guariba - onde moram os trabalhadores rurais - trouxe a forte sensação de sermos o "outro". Em algumas de nossas chegadas, quando foi utilizado o carro da Universidade ("chapa branca"), distanciado do padrão comum dos carros que por ali circulam, percebemo-nos deslocadas de tal realidade, a qual é fortemente marcada pelo estigma das greves e pela violência.

Também a nossa mobilidade pelo bairro deu-se de forma ambígua, diferindo, sobremaneira, os momentos em que estávamos sozinhas, daqueles em que as trabalhadoras (entrevistadas) nos acompanhavam. Nesse sentido, é interessante notar que, algumas vezes, estas demonstravam um certo prazer por nos terem em suas companhias, quando em passeios por locais públicos, onde foram observados os aspectos da sociabilidade e lazer que os trabalhadores, de um modo geral, desenvolviam no referido bairro.

Desta forma, nem tudo é antagonismo e nem tudo é proximidade quanto à complexidade do real. Afinal, como afirma Lefebvre (1961) a realidade é dialética e nos traz a dinâmica do possível, e não o definitivo e inflexível das determinações.

Em situações incidentais, participamos também de eventos inesperados, trazendo sempre um rico aproveitamento de tais situações. Em Barrinha, por exemplo, por ocasião de uma reunião promovida pelo grupo de mulheres trabalhadoras rurais, uma ginecologista debateu questões sobre a saúde da mulher. Depoimentos muito interessantes foram ouvidos e expressavam um lado extremamente íntimo e conflituoso de mulheres as quais, embora num espaço coletivo, conseguiram colocar abertamente suas dúvidas, seus receios e medos, seus tabus em relação ao próprio corpo e à sexualidade.

Em outra oportunidade, quando da criação da FERAESP, ou melhor, da sua fundação e votação do seu estatuto, estivemos presentes no intuito de observar a percepção, o entendimento e a expectativa dos trabalhadores em relação ao evento, e por outro lado, ouvir atentamente os discursos das lideranças, para depois, estabelecermos uma relação entre esses dois aspectos que, a princípio, pareceram-nos, por vezes, contraditórios. Éramos dois

pesquisadores e decidimos que um deveria ficar junto às lideranças sindicais e partidárias e o outro junto aos trabalhadores não-lideranças³. Tal procedimento foi adotado no sentido de captar, além de elementos específicos de cada lado, a relação entre os dois, ou seja, em que medida, os discursos das lideranças estavam prontamente absorvidos ou não pelos trabalhadores.

A importância destes contatos diferenciados foi-nos fundamental na medida em que, estando ao lado dos trabalhadores o tempo todo, pudemos detectar o quanto muitos deles não estavam acompanhando ou entendendo efetivamente toda a correlação de fatores que implicavam a necessidade de criação de uma nova Federação. Embora alguns destes tivessem plena consciência desta necessidade, outros (a maioria) apenas reproduziam os discursos das lideranças, sem grande compreensão do seu significado, havendo ainda, aqueles que nem isso faziam, apresentando-se durante todo o tempo com muitas dúvidas colocadas em conversas com os próprios trabalhadores ou conosco, porém, nunca de forma questionadora para as próprias lideranças.

³ *Observamos que a equipe de pesquisadores era formada por duas mulheres e um homem, com tarefas específicas.*

Estas ilustrações e passagens da pesquisa de campo mostram que os dados emergiram das mais variadas fontes e situações, colocando a importância de uma interação constante dos pesquisadores com o espaço e os sujeitos pesquisados, e trazendo a possibilidade de percepções maiores e melhor fundamentadas acerca da realidade investigada.

VI- O Encontro com as mulheres Trabalhadoras Rurais

De um modo geral, as mulheres habitam um ou dois cômodos que ficam em casas ou quintais de terceiros, onde usufruem com outras famílias de um mesmo tanque, varal e banheiro. Mulheres que, na maioria das vezes, são separadas do marido ou companheiros e que, portanto, arcam sozinhas com a manutenção da casa e o sustento dos filhos, por vezes numerosos. Tomam caminhão de turma por volta das 6 horas da manhã, retornando à casa por volta das 17:30 horas, tendo apenas o domingo para as folgas, ou melhor, para dar conta dos afazeres domésticos que se acumularam durante a semana, isso quando não precisam trabalhar também aos domingos. Embora existam casos excepcionais, foi basicamente este quadro que encontramos para

realizar as histórias de vida. Logo, aquelas "condições ótimas" para a realização da entrevista deveriam ser recriadas ou adaptadas a um contexto adverso, pois de outra forma, não se realizariam.

Nesse sentido, as histórias de vida foram feitas aos domingos, na medida em que foi o único dia disponível para tal. Sendo assim, quando da nossa chegada às casas das trabalhadoras já previamente contatadas, praticamente toda a família estava reunida, onde as crianças curiosas e inquietas se destacavam no cenário, fazendo perguntas quase o tempo todo, brincando, correndo de um lado para o outro. Os vizinhos, não menos curiosos, apareciam, vez ou outra para averiguar o que realmente estava acontecendo. Quando não, ligavam seus aparelhos de som em alto volume, acompanhando seus ídolos sertanejos a toda voz. As casas são bastante próximas ou germinadas, ou se tratam de duas ou mais famílias morando numa mesma casa.

Estas foram as condições concretas encontradas na maioria das vezes, condições que, longe se serem ideais, foram as que existiam para o trabalho. A boa vontade das trabalhadoras entrevistadas foi sempre notada, mesmo que não entendendo completamente os nossos propósitos, e levando-se em consideração,

condições tão pouco favoráveis, foram conosco até o fim deste trabalho.

No entanto, foi no ambiente dessas mulheres que a pesquisa desenrolou-se. O fato de falarem de suas vidas, algumas questões íntimas na presença dos filhos ou vizinhos, não se colocavam como problema, pois tal fato não lhes causava nenhum constrangimento. Algumas vezes, na presença das crianças, elas falavam de seus ex-companheiros, chamando-os de "pais irresponsáveis", "vagabundos", que as haviam abandonado em meio a dificuldades, da tentativa fracassada de abortá-las quando grávidas ou, caso tivessem coragem já as teriam dado para terceiros.

Esse movimento do real, marcadamente contraditório, refletiu também na aplicação-adaptação das técnicas e na decorrente reflexão teórico-metodológica.

Assim, neste contexto de contradições, conhecemos mulheres que permitiram, ainda que de maneiras diversas, uma maior abertura referente à sua privacidade, na qual resguardam elementos bastante ricos de experiências e sentimentos.

Nesse sentido, entramos no quarto de D. Francisca, uma senhora de 76 anos, e durante a entrevista, todo o seu envolvimento com a religiosidade foi vivenciado, tomando esta como expressão da

existência frente às dificuldades da vida. Junto a isso, o silêncio de suas lágrimas, decorrentes das lembranças afloradas, permitiu uma situação de profunda interação entre entrevistadora e entrevistada. Toda a importância e o amargor das lembranças e da memória refletiu num desembocar de sua própria intimidade - vivências num momento recobrado e passado ao "outro" de maneira tão sincera. Acima de tudo, uma possibilidade de aprofundamento de questões a partir de tamanha interação e envolvimento.

Esse caso retrata bem aquela questão do "espaço ótimo" trabalhado por Queiroz, somente interrompido com a chegada dos netos da entrevistada, os quais puseram-se a ouvir a gravação. Como já foi mencionado, a necessidade de espaço e privacidade evidencia-se enquanto imperativo no decorrer das entrevistas, tanto por necessidade do entrevistador quanto do entrevistado(a), que neste caso específico, sentiu-se extremamente incomodada com a chegada dos netos, rompendo assim todo aquele depoimento até então, essencialmente sincero e emotivo.

Num outro caso, Ciça, morando com a família num só cômodo em fundos-de-quintal, optou pela realização da entrevista num dos quartos da casa de D. Francisca. Também aí, a presença de familiares ou vizinhos constituiu-se num fator de constrangimento e

a opção por um espaço mais reservado possibilitou-lhe maior discernimento e intimidade com a pesquisadora. Ao mesmo tempo, foi possível obter aí um exemplo da "cumplicidade" estabelecida a curto prazo diante do inédito da situação.

Quanto às histórias de vida consideradas como "ótimas" no tocante ao espaço e à pré-disposição das mulheres em falarem, uma se destacou: trata-se de Tereza, que ao permitir uma aproximação maior no decorrer da entrevista, possibilitou várias visitas à mesma. Como mora sozinha, o silêncio e a privacidade expressaram-se positivamente, facilitando uma recriação ideal das condições necessárias para a realização da história de vida.

Após um primeiro contato travado, a entrevista transcorreu livremente, uma vez que ela discorreu sobre sua vida em seu próprio quarto de forma bastante espontânea durante todos os momentos da gravação, trazendo a reflexão para o espaço privado e, ao mesmo tempo, o fato de não ocorrerem inconvenientes, propiciou, sobremaneira, uma conversa desinibida, a entrevistada demonstrando forte entusiasmo pela própria idéia de gravar. Em virtude dessa situação de espontaneidade e descontração, afloraram, sem nenhum tipo de empecilho, dados referentes à sua sexualidade, demonstrando uma confiança bastante expressiva na relação entrevistadora-

entrevistada. O fato da primeira ser mais jovem, e do ponto de vista da entrevistada, desprovida de experiências, atuou de forma a caracterizar uma situação de troca de vivências e "conselhos", caracterizando também uma relação de amizade, o que se distancia marcadamente do formalismo propagado pelas técnicas tradicionais de pesquisa em Ciências Sociais.

É necessário entender todo esse processo das entrevistas como um desenrolar distinto entre as várias mulheres. Desta forma, deparamo-nos, por vezes, com situações conturbadas em que o medo aflorou, provocando reações das mais diversas referentes à entrevista. Essas sensações devem, contudo, ser relativizadas, pois em algumas vezes, mostram-se contraditórias. O medo de falar, de se expor gera ao mesmo tempo, a necessidade de falar.

Uma outra senhora de 54 anos (ex-trabalhadora rural), mostrou-se no decorrer da entrevista, extremamente perturbada e temerosa pelas proibições do marido e do filho em relação a ela. Misturando revolta à situação de dominação em que vivia, a entrevistada ofereceu um depoimento em que desabafava todos os infortúnios, que até então sentia. Junto a isso, uma necessidade de mostrar fotografias, pertences pessoais, roupas de festa da filha, numa conjugação de desabafo e lembrança, fato que talvez tenha

figurado com uma sessão de "terapia da escuta". Durante a entrevista, destacou-se a extrema preocupação da entrevistada frente à possibilidade do marido ou do filho chegar de surpresa e ouvir seu depoimento, ou melhor, aquilo que, naquele momento, se transfigurava em "denúncia", insatisfação ou revolta, e que se traduzia no interromper quase constante da gravação, para que ela pudesse se certificar de que não estava sendo ouvida.

Por outro lado, o medo do "outro", o medo das consequências da fala provocaram uma recusa por parte de algumas trabalhadoras. Num caso, uma recusa verbal, dissimulada, em que Geralda estando grávida e trabalhando no corte da cana até dias antes do filho nascer, discorria sobre questões pessoais, sem contudo, aceitar uma entrevista.

Em outros dois casos, uma recusa não verbal na qual as mulheres dispuseram-se, prontamente, a fazer as entrevistas, porém, no momento designado não as encontramos em casa, onde foram apresentadas desculpas dos familiares pela ausência delas, ficando clara a "fuga" diante do compromisso anteriormente assumido. É interessante observar, que em nenhum momento, os trabalhadores e trabalhadoras se recusaram em conversar com os pesquisadores. As poucas recusas foram feitas no sentido de se gravar as entrevistas,

ou seja, estabelecer uma relação mais formal na relação pesquisador-pesquisado.

Nestes casos, a observação direta e entrevistas não diretivas foram utilizadas.

Outro fato a ser destacado neste universo empírico, é o caso de uma trabalhadora de Barrinha que, sendo diretora do sindicato, uma das líderes do grupo de mulheres lá constituído e candidata derrotada à vereadora nas eleições de 1988, pelo PT, portanto uma mulher extremamente politizada, permitindo uma imediata e maior aproximação com um dos integrantes da equipe de pesquisadores, por sinal o único homem, também ligado ao PT, facilitando imensamente a realização de sua história de vida por esse pesquisador. Dois fatores destacam-se nesse caso: à princípio, a realização das histórias de vida com as trabalhadoras rurais eram feitas por duas pesquisadoras, dada a facilidade inicial pela igualdade de sexo, o que não se efetivou neste caso. O segundo fator é que nossa postura político-partidária foi raramente explicitada nesses contatos todos, dada a consciência de mantermos, obrigatoriamente, uma ética enquanto pesquisadores, o que, também não foi possível preservar neste caso, dado que ambos- pesquisador e pesquisada - se

encontravam, enquanto militantes, em outros espaços ou instâncias que não aquelas referentes à realidade empírica pesquisada.

Ressalta-se também o caso de Nilza, assídua frequentadora de um bar vizinho de sua casa, em Guariba. Como era extremamente interessante para a pesquisa captar todo o contexto desta situação, ou seja, mulheres frequentando "normalmente" os bares, algumas vezes, uma de nós esteve com esta trabalhadora neste local onde foi possível iniciar sua história de vida. Tal espaço, bastante *sui generis*, transformou-se num cenário bastante representativo para esta história de vida em particular, pois, no momento em que os aspectos relativos às questões íntimas, a entrevistada preferiu continuar na "privacidade" da sala-cozinha de sua casa, que só não se constituiu num espaço totalmente privado, porque em alguns momentos a dona do bar, ou outras de suas amigas que o frequentavam, apareciam com uma garrafa de cerveja e um prato de salgados.

Extremamente não ortodoxa foi a realização de dois fragmentos de história de vida feitos numa igreja em Santa Ernestina. Tal fato ocorreu a partir de uma relação bastante próxima das mulheres com o padre da paróquia e também, como consequência, de um contratempo que resultou na única

possibilidade, naquele momento, de ocuparmos as dependências da igreja para a realização das entrevistas.

Deste episódio ficou, por um lado, o fato de que não estando na casa das trabalhadoras, não foram, conseqüentemente, observadas mais de perto suas condições de vida, relações familiares, etc., aspectos sempre captados para a realização do diário de campo, os quais contribuem positivamente para uma melhor contextualização das histórias de vida. Contudo, foi constatado o quão à vontade as trabalhadoras se mostraram naquele espaço, propiciando entrevistas muito ricas de detalhes. Tais depoimentos traduziram-se, em alguns momentos, numa "confissão simbólica", na qual, refletindo consigo mesmas, as entrevistadas iam a fundo nos seus sentimentos, nas suas emoções, nas suas vivências... Foi a partir deste aspecto positivo que o espaço foi considerado, senão "ideal", pelo menos o possível, dadas as condições reais existentes.

Em relação às histórias de vida e observações acerca do tempo-espaço ótimo para a realização das entrevistas, e todos os demais aspectos abordados, atentamos o vai-e-vem do movimento contraditório da pesquisa empírica (reflexo da realidade), em que ora afloram situações de receios, medos ou constrangimentos, ora situações de extrema abertura, descontração e discernimento.

Deste modo, a pesquisa empírica coloca, às vezes, situações inusitadas que, por mais que tenham havido preparo para o trabalho de campo, surgem de forma inesperada, desafiando sobremaneira a criatividade, os conhecimentos e a capacidade de improviso dos(as) pesquisadores(as). Estas situações acabam por se traduzir em momentos de extrema riqueza para a reflexão da metodologia e técnicas de pesquisa com o objetivo de acrescentar contribuições ao trabalho empírico e também às discussões teóricas que fundamentam tal trabalho.

Outrossim, a relação pesquisador-sujeito pesquisado deve ser destacada, onde o primeiro figura como o "outro", e desta forma, procurando situar tal relação, tendo em vista o respeito às diferenças, na medida em que elas existem de fato, portanto, não podem ser mascaradas nem tampouco evidenciadas. Assim sendo, nos objetivos do nosso trabalho, foram sendo dimensionados o conhecimento e a compreensão do universo daqueles que nos vêm como "diferentes", por vezes "estranhos", levando-se em consideração e relativizando exatamente este aspecto. Entretanto, nem sempre ser considerado o "outro" significa ser considerado o inimigo ou o desigual. Ser diferente não significa necessariamente, ser desigual.

Por ocasião da greve dos trabalhadores assalariados rurais ligados à FERAESP no início da safra de cana de 1989, a presença dos pesquisadores neste acontecimento foi considerada importante, pois seria de grande valia, dada oportunidade de observar a presença de mulheres no movimento grevista, a organização dos trabalhadores, a postura destes em relação aos sindicatos recém-filiados à nova Federação, enfim, observar o movimento grevista no seu momento vivo. Presenciamos os piquetes, as reuniões de lideranças, as passeatas e as panfletagens, o que nos propiciou também observar o papel desempenhado pelos mediadores como o padre da igreja local, os agentes da FASE, sindicalistas de outras categorias de trabalhadores, políticos e algumas das lideranças da CUT-estadual, além da postura assumida pelos usineiros, empreiteiros, o prefeito local e a polícia.

Em virtude do relacionamento com os sindicalistas e com as trabalhadoras rurais bastante atuantes em greves, colocamos-nos ao lado destes durante o movimento, para que pudessemos ouvir seus discursos, suas conversas paralelas nas rodinhas e também acompanhar suas atitudes, seus gestos, por fim, captar como que naquele momento específico, caracterizavam-se as relações de gênero e as relações de classe.

Num dado momento, a partir da criação de formas alternativas por parte dos usineiros e empreiteiros com o objetivo de fazer os trabalhadores não grevistas "furar" os piquetes, o clima foi ficando cada vez mais tenso. Nesse momento específico, uma das trabalhadoras, liderança na greve, solicitou da pesquisadora que se encontrava próxima, que se juntasse aos trabalhadores em um dos locais de piquete. O que fazer? O que decidir? Onde está escrito que um pesquisador deve deixar seu papel de expectador-observador, mesmo por um momento, e passar para a atuação-participação na vida e nos problemas vivenciados pelos pesquisados? Tal fato, extremamente inusitado, foi de difícil solução do ponto de vista metodológico de pesquisa, principalmente pelo fato de ser resolvido em poucos segundos. Enfim, falou mais alto o espírito de solidariedade. No entanto, naquele momento de greve, a ânsia de que um pouco de justiça fosse feita frente à exploração, por melhores condições de vida e de trabalho, tomou conta da situação e passou a guiar nossas ações como participantes do movimento ao lado dos trabalhadores. Neste ponto, a pesquisa transformou-se em práxis.

VII- A Saída de Campo: laços e desenlaces

O término do trabalho de pesquisa de campo traz sempre um incômodo sentimento de angústia e importância que, aliás, acompanha todo o desenrolar do trabalho.

Na verdade, o fato é que a pesquisa em ciências sociais coloca-nos, na maioria das vezes, em contato com realidades perpassadas pela miséria, pela exploração, pela injustiça social, enfim, pela negação da cidadania desses sujeitos - fonte principal de nossas investigações - que nos fazem questionar, juntamente com eles, afinal, para que serve uma pesquisa?

A urgência de solução para seus problemas sócio-econômicos permite que estes sujeitos coloquem os pesquisadores na berlinda, ou seja, a forma como somos cobrados no sentido de apresentar respostas, soluções para seus dramas pessoais e sociais, somam-se às cobranças que fazemos a nós mesmos. Afinal, a realidade social não é constituída de "sujeitos observados". Eles não foram abordados enquanto objetos, mas enquanto sujeitos.

Evidentemente a saída para tamanha inquietação e insistente cobrança feita por estes sujeitos é fundamentalmente política. Por

outro lado, a Universidade pode e deve desempenhar um papel muito importante, tendo em vista a extensão dos serviços à comunidade, por exemplo, que deverá se constituir, numa das prioridades de todo o trabalho desenvolvido nesta instituição. É um trabalho que exige um compromisso individual, coletivo e institucional.

Há também que se considerar os laços subjetivos estabelecidos, ou seja, o afeto, a amizade, o carinho surgidos a partir de complexa e rica relação entre pesquisador e pesquisado, o que nos permitiu voltar a visitar estes trabalhadores em outras oportunidades fora da pesquisa, fato, no nosso entender, extremamente positivo sob vários aspectos.

Desta forma, foi concluído mais um trabalho de pesquisa com trabalhadores e trabalhadoras da cana e da laranja, não como "objetos coisificados" de pesquisa, mas como sujeitos de sua própria história, como mulheres e homens sofridos, respeitados e admirados, passando por muitas necessidades e dificuldades, mas cheios de dignidade e esperança numa vida melhor.

Este trabalho de campo permitiu, a partir das mais variadas experiências, a exposição de um terreno com poucas certezas, muitas dúvidas e um longo caminho a ser percorrido.

Assim, estruturaram-se as condições reais para a realização dessa pesquisa, onde a situação ideal e o espaço ideal foram buscados e encontrados dentro de um universo de possíveis, assentados em bases reais e concretas.

Bibliografia

LEFEBVRE, H. Critique de la vie quotidienne. vol.II. L'arche Editeur, Paris, 1961.

SILVA, M.A.M. "As Cidades dos Bóias-Frias. O desdobramento do Poder da Empresa". In: Travessia, C.E.M., ano VI, n.15, janeiro/abril 1993.

ANEXOS

DIÁRIO DE CAMPO

Entrevista com dona Amélia

A primeira visita à casa de dona Amélia ocorreu no início de novembro passado. Fui acompanhada de uma ex-funcionária da fábrica em que ambas trabalharam. Sua presença facilitou-me o contato com a futura informante.

Chegando à casa, fomos atendidas com boa receptividade. Apresentamo-nos e dirigimo-nos à sala, à convite da filha de dona Amélia. Em seguida, expusemos os motivos que nos levaram até ali. Conversamos por algum tempo, mas dona Amélia não se mostrou interessada em nos conceder a entrevista com gravação. Embora fosse o primeiro contato, ela relatou-nos fatos de sua vida, principalmente o período de sua infância e de sua mudança definitiva da Argentina para o Brasil, tendo se emocionado em certos momentos de sua narrativa. Após algumas horas, agradecemos sua boa vontade em nos atender e retiramo-nos. Dona Amélia sugeriu que poderíamos conversar em outras oportunidades, porém, não se dispôs a gravar as futuras entrevistas.

Alguns dias depois, voltei à sua casa, desta vez sozinha, para tentar uma nova aproximação e finalmente dona Amélia concordou em participar deste trabalho. Retornei no dia seguinte e após alguns minutos de conversa na sala, dona Amélia conduziu-me até seu quarto para iniciarmos a entrevista. Para minha surpresa, ela vinha, há algum tempo escrevendo sua autobiografia e optou por fazer a leitura das suas anotações como parte inicial da narrativa.

Durante o relato, dona Amélia ia mostrando-me objetos pessoais de muita estima, como fotografias de familiares, carta de sua mãe e nota fiscal de seu vestido de noiva. Entre os objetos apresentados, chamou-me bastante atenção um pequeno cacho de cabelos amarrado numa fita de seda e guardado numa caixinha. Era de sua irmã gêmea que faleceu aos sete anos de idade. Dona Amélia cortou-o quando a pequena estava no caixão. Ela ficou muito emocionada ao tocar nestes objetos.

A cada encontro, foi se criando uma cumplicidade envolta de sentimentos afetuosos entre pesquisadora e informante. Nas sessões seguintes, dona Amélia aguardava-me, deixando as cadeiras estrategicamente colocadas em seu quarto para prosseguirmos com o trabalho. À medida que fomos travando uma relação mútua de respeito e confiança, dona Amélia foi-me apresentando uma parte do

seu universo doméstico, levando-me a conhecer as dependências da casa e um pouco de sua intimidade, exibindo-me orgulhosa suas roupas feitas pela filha mais velha.

Em conversas após as gravações, dona Amélia fala com emoção da condição da velhice, contando-me casos que demonstram a exclusão sofrida pelos velhos em nossa sociedade. No caso da informante, ela se mostra bem relacionada com a família e com a comunidade. Preserva a vaidade e tem orgulho do trabalho dedicado aos seus próximos: "...minha vida foi trabalhar".

Dona Amélia comemorou seu 86^º aniversário oferecendo uma recepção aos parentes e amigos. Pela manhã, enviei-lhe flores e à noite fui à sua casa lhe dar um abraço. Fez-me companhia, sentando-se ao meu lado, e mesmo naquele momento, relatou-me fatos como as grandes festas que promoveu quando era casada (atualmente dona Amélia é viúva). Sua história de vida é, sem dúvida, admirável. Infelizmente, por motivos de saúde, a informante não se encontra em condições de dar continuidade ao presente trabalho. Mesmo assim, o relato das mudanças bruscas de origem econômica, geográfica, cultural etc., vivenciadas por ela, dão margem a múltiplas interpretações.

Finalmente, o conhecimento desta e de tantas outras histórias de vida, resgatadas pela memória, só se torna viável com aplicação das técnicas de pesquisa qualitativa. No caso, o uso do gravador é indispensável. Entretanto, o estudo de memória de um indivíduo não deve ser visto como um caso particular, isolado. Ao contrário, a memória individual está carregada de elementos que a identificam com a memória social ou coletiva.

Entrevista com Dona Maria Luíza

Dona Maria Luíza esperava ansiosa o dia da entrevista. Antes mesmo da hora marcada, ela passou em casa a fim de confirmar o horário da entrevista e para mostrar-me fotos e documentos de sua família.

Quando cheguei à sua casa, ela foi logo me acomodando, abrindo as janelas e as cortinas da sala.

Ao iniciarmos o trabalho de memória, percebi que ela estava muito tensa e nervosa. Tentei tranquilizá-la, comentando a possibilidade de deixarmos a entrevista para um outro dia. Ela rapidamente descartou a hipótese, confessando-me que o motivo

que a afligia, era o fato de não saber "falar direito", uma vez que nunca teve estudo.

No decorrer da entrevista, observei que o fator "escolaridade" teve peso muito importante em sua vida, provocando uma fala emocionada ao lembrar que esta oportunidade lhe fora negada.

Durante todo o tempo, Dona Maria Luíza remeteu-se exclusivamente à sua infância. Em momento algum, ela toca no nome do marido, das filhas ou de seu passado recente. Quando o faz, numa ilustração sensível, Dona Maria Luíza utiliza-se de símbolos, ao tratar, por exemplo, da passagem de sua infância, de sua mocidade para o seu casamento. Num tom emocionado, conta a morte de seu papagaio, companheiro de suas canções. Este morre de tristeza, quando Dona Maria Luíza sai de casa e vai viver com o marido.

Ao mencionar uma única vez seu casamento, a informante chora, numa alusão simbólica à morte de seu papagaio, enfim, ao rompimento familiar.

Novamente, emociona-se ao lembrar-se dos pais - principalmente do pai - e do número grande de irmãos.

Fala com orgulho da coragem e da bravura dos italianos, de alguns de seus costumes e das dificuldades que eles tiveram que enfrentar ao chegar ao Brasil.

Relata com sabedoria e simplicidade as conquistas da mulher, a dupla jornada de trabalho e a hierarquia sexual que existe em nossa sociedade.

O exercício de lembrar, para Dona Maria Luiza, é vital, embora o faça com certa restrição, uma vez que "(...) *ninguém quer ouvir as histórias que o velho têm pra contar*".

Entrevista com o Sr. Antonio

A escolha do Sr. Antonio para o estudo de memória ocorreu mediante a consciência que eu tinha de seu passado enquanto militante do Partido Comunista Brasileiro, na cidade de Avanhandava, nos anos que precederam o Golpe Militar de 1964.

Na primeira quinzena de setembro, encontrei-o, casualmente, no comitê da Frente Brasil Popular, quando conversamos pela primeira vez. Falei sobre a provável realização deste trabalho e de meu interesse em ouvir "sua memória". O convite para a entrevista foi aceito, e o Sr. Antonio disse que teria muita coisa para contar.

Naquele primeiro encontro, seu Antonio não se intimidou e, espontâneamente, fez um rápido recuo ao passado, lembrando a fundação do sindicato dos trabalhadores rurais de Avanhandava.

No dia 30 de outubro, fui até à sua casa para marcarmos a entrevista, e explicar-lhe os procedimentos (uso do gravador) e os objetivos do estudo de memória. Marcamos a entrevista para o dia seguinte, às 20:00hs. Contudo, é importante destacar que ele falou de seu passado por mais de uma hora neste encontro. Contou sua trajetória do Piauí até Avanhandava, sempre envolvido nas reivindicações dos trabalhadores rurais. Naquela conversa, falou sobre sua relação com a cidade, dos problemas dos trabalhadores. Falou também, sobre a perseguição que sofrera com o Golpe Militar de 1964, referindo-se a um padre, a dois latifundiários e ao prefeito que queriam matá-lo, obrigando-o a fugir para o Estado do Paraná.

Diante de sua positividade em lembrar, fui obrigada a interrompê-lo, explicando que, sem o gravador, muito do que ele me dizia seria esquecido. Fui embora, com a certeza de que, no dia seguinte, a entrevista seria riquíssima e que, provalvemente, não se esgotaria em um único dia.

Voltei à sua casa na hora combinada. Quando cheguei, o Sr. Antonio cochilava na varanda, sendo acordado por sua esposa.

Convidou-me a entrar e fomos nos sentar na cozinha, onde tinha uma tomada para o gravador e estávamos distantes de seus familiares. O Sr. Antonio pediu que eu o escutasse antes de iniciarmos a gravação, quando me disse que havia preparado algumas coisas para me contar.

Assim que liguei o gravador, ele começou a falar, mas percebi que não estava à vontade diante do aparelho, pois a todo momento, afastava-se deste. Durante sua fala, não admitiu que eu o interrompesse com perguntas, pedindo que apenas ouvisse; sua expressão manteve-se séria durante todo o tempo e, parecia que havia preparado um texto previamente, e não vivenciava um momento de "ir e vir" da memória

A entrevista durou menos de uma hora e ele insistiu em dizer que não restava mais nada a contar, que considerava encerrada a entrevista.

Por fim, vale ressaltar que o Sr. Antonio está sempre contando o passado para as pessoas com quem conversa, conforme disseram-me algumas pessoas que o conhecem. Porém, diante do gravador, foi visível a seleção que fez em sua memória...

Entrevista com Dona Maria

Esta entrevista foi realizada no dia 8.12.1994. A pessoa que concedeu tal entrevista foi escolhida a partir de um laço de amizade. Dona Maria e eu moramos na mesma casa por um ano, eu, como sua pensionista.

Quando lhe fiz o convite, no início, ela não compreendeu muito bem as minhas intenções. Foi a partir dessas dúvidas, que eu lhe expus, numa tarde, as condições e procedimentos da entrevista. Sua reação foi a melhor possível; ficou eufórica com a idéia de poder contar sua vida e, principalmente, por eu querer ouvi-la.

Alguns dias depois, marcamos o dia da entrevista. Ao chegar à sua casa, já me esperava com um lugar tranquilo. Dirigimo-nos à sala. Porém, houve um problema com a tomada do gravador e, por isso, retornamos à cozinha.

No início, Dona Maria estava tímida, sem saber por onde começar. Dei-lhe sugestões e então, iniciou sua fala que, aos poucos, tornou-se fluente, animada e desinibida. Mas, infelizmente a companhia tocou trazendo um corte em seus pensamentos. Era um

sobrinho, o qual raramente a visitava. Fiquei esperando por 25 minutos. Quando seu sobrinho foi-se, D. Maria fez um gesto de alívio, pediu-me mil desculpas e recomeçou. Porém, percebi que a visita de seu sobrinho causou-lhe uma certa irritabilidade e até mesmo, constrangimento.

A entrevista iniciou-se novamente. No entanto, ela não tinha mais a euforia de antes. Parece que a presença do sobrinho lhe incomodara. Depois de uns 20 minutos, seu ritmo retornou-se e ela pareceu recuperar-se. Dona Maria possui um modo de falar muito direto e resumido, contou sua vida sem muitos floreios, sua fala era clara e objetiva. Terminamos após 40 minutos de fita. Eu, por um lado, gostaria de saber outros detalhes, mas senti que para ela, seu relato havia terminado. Entretanto, disse-me, que com certeza, havia se esquecido de muitas coisas.

Depois de uma semana, entrei novamente em contato com ela, pois me pedira para retornar, e queria acrescentar alguns trechos importantes. O retorno foi muito agradável, estava sendo sincera e sua maior preocupação foi relatar sua formatura do curso de enfermagem. Falou por 15 minutos, encerrando a entrevista.

Uma das dificuldades que sentí, foi no sentido de poder estender o tempo da entrevista, pois gostaria que ela tivesse sido

mais minuciosa. Porém, percebi que ela guardava silêncio sobre muitos detalhes de sua vida. Sendo assim, resignei-me a fazer-lhe perguntas e apenas ouvi-la. O clima foi bastante leve, era como se D. Maria se esquecesse, em alguns momentos, do objetivo da entrevista. O momento mais emocionante foi quando descreveu sobre sua saída de casa e os motivos que a levaram a isto.

Seu relato é fragmentado. Fala sobre alguns fatos e omite outros. Os detalhes são silenciados. Não insisti, para não invadir os labirintos de suas lembranças.

Foi uma entrevista da qual eu gostei muito, apesar do relatado acima, essa experiência concretizou a ligação entre os textos lidos em sala de aula e a experiência de campo.